



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**

JACQUELINE BATISTA LIMA

DOCUMENTÁRIO: A COR DO AMOR

Brasília, DF
2022

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**

JACQUELINE BATISTA LIMA

DOCUMENTÁRIO: A COR DO AMOR

Memorial apresentado ao departamento de Comunicação Organizacional, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Organizacional. Orientador: Felipe Polydoro
Co-orientadora: Kelly Tatiane Martins Quirino

Brasília, DF
2022

JACQUELINE BATISTA LIMA

DOCUMENTÁRIO: A COR DO AMOR

Memorial apresentado ao departamento de Comunicação Organizacional, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Organizacional. Orientador: Felipe Polydoro
Co-orientadora: Kelly Tatiane Martins Quirino

Aprovado em 21 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Orientador: Felipe Polydoro

Prof.º Co-orientadora: Kelly Tatiane Martins Quirino

Prof.º Avaliador: Elton Bruno Pinheiro

Prof.º Avaliadora: Aida Feitosa

Prof.º Suplente: Jamila Oliveira

Agradecimentos

Para realizar esse trabalho, e várias outras coisas, sinto que tive uma ajuda espiritual que se encarregou de me proteger e abrir portas que eu julgava ser impossível. Senti, mais do que nunca, que não ando só e tenho o coração cheio de gratidão.

Eu gostaria de agradecer a todas as pessoas que passaram pela minha vida e me incentivaram a seguir os meus sonhos. Felizmente em minha mente vem diversos nomes de professores, amizades, companheiros, colegas, que com palavras, conselhos, algum tipo de ajuda financeira, material, ou com apoio psicológico, me deram forças para arriscar mesmo quando tudo parecia incerto. Se eu só ouvisse quem desacreditou, eu não estaria finalizando o curso que eu sempre quis fazer.

Agradeço a minha família que lutou muito para que educação não fosse um obstáculo e sim uma oportunidade para mim, a primeira e única a entrar em uma Universidade Federal. Espero que eu também possa abrir caminhos para as novas gerações da minha família e orgulhar os que já não estão mais entre nós.

Não tem palavras suficientes para agradecer as mulheres que cederam seu tempo e histórias para participar do projeto, como se abriram e se entregaram nas entrevistas me emociona, e sem elas nada disso seria possível.

Também não seria possível sem a equipe que me ajudou na captura e pós-produção, são pessoas incríveis que me ajudaram mesmo que eu não pudesse oferecer ajuda financeira. Espero retribuir a vocês toda a minha gratidão.

*Segura as pontas
você dá conta, mulher*

*você não cogitou ir tão longe
e mesmo assim conseguiu*

*é arrebatador
traçar seu próprio roteiro*

Ryane Leão

Resumo

Este trabalho fala sobre todas as etapas da produção do documentário *A cor do amor*. O documentário tem o objetivo de ser um registro sobre as vivências amorosas de 5 mulheres negras através de 8 perguntas feitas em entrevista, todas elaboradas através da obra de bell hooks, *Tudo sobre o amor*, que fala do amor como prática. Prática de um conjunto de ações, de cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança. Falamos de amar e ser amada, reciprocidade, ambiente familiar e profissional com momentos de emoção, reflexão e esperança na busca do amor como cura.

Palavras-chave: Vivências amorosas, bell hooks, documentário, mulheres negras

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do álbum QVVJA: Baco Exu do Blues	31
Figura 2 - Artista: Seu Jorge	31
Figura 3 - Artista: Nara Couto	32
Figura 4 - Cenário: A cor do amor	32
Figura 5 - Cenário: A cor do amor em gravação	33
Figura 6 - Entrevista com Ana	35
Figura 7 - Entrevista com Lohayne	37
Figura 8 - Entrevista com Ithaynara	39
Figura 9 - Entrevista com Luiza	41
Figura 10 - Entrevista com Mariana	43
Figura 11 - Entrevista com Sara	46
Figura 12 - Entrevista com Tarsila	48
Figura 13 - Entrevista com Victória	51
Figura 14 - Entrevista com Rayssa	54
Figura 15 - Josh	59
Figura 16 - Playlist “A cor do amor”	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cronograma	29
Tabela 2 - Estruturação do filme	56
Tabela 3 - Parte da planilha de decupagem: Roteiro final	58
Tabela 4 - Parte da planilha de correções	58

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PROBLEMA DA PESQUISA	13
3. JUSTIFICATIVA	15
3.1 Minha trajetória	16
4. OBJETIVOS	20
4.1 Objetivo geral:	20
4.2 Objetivos específicos:	20
5. REFERENCIAL TEÓRICO	20
5.1 Aspectos psicológicos de mulheres negras brasileiras	20
5.2 Representações da mulher negra do Brasil	22
5.3 Conceito do amor como prática de bell hooks	24
6. METODOLOGIA	27
6.1 Pré-produção	27
6.2 Classificação de documentário	29
6.3 Cenário	30
6.4 Produção	33
6.5 Trajetória das entrevistadas	34
6.5.1 Ana	35
6.5.2 Lohany	36
6.5.3 Ithaynara	39
6.5.4 Luiza Fontenele	41
6.5.5 Mariana	43
6.5.6 Sara Viana	46
6.5.7 Tarsila	48
6.5.8 Vitória	51
6.5.9 Rayssa	54
6.6 Pós-produção	55
6.7 Roteiro	56
6.8 Trilha sonora	58
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
Anexo 1 - Pré entrevista	64
Anexo 2 - Entrevista	65

Anexo 3 - Questionário	66
Anexo 4 - Orçamento	67
Anexo 6 - Making off	68
Anexo 7 - Ficha Técnica	69

1. INTRODUÇÃO

Amor. Afeto. Escrivências.

Este documentário aborda estes três conceitos a partir de falas de mulheres negras. É a materialização de um sonho, idealizado desde o início da graduação, por vezes um sonho distante, de difícil criação, mas que nos últimos quatro meses foi gestado por um grupo de pessoas negras comprometidas com o amor, afeto e em busca de dar visibilidade às vivências de mulheres negras.

A cor do amor é a soma de experiências de afeto em espaços familiares, do trabalho, da universidade, da vida vivida por corpos negros perpassados por dores, rejeições, traumas. É o amor que será o principal ingrediente para ressignificar estas violações como forma de cura.

O conceito de amor como ação, ou a prática do amor de bell hooks (2021) é libertador, porque tira o peso de que o amor é incondicional e tudo suporta. Nos livra da ideia de um amor sem explicação, do amor sempre ligado ao sofrimento, a angústia e a ansiedade do medo de perder, de não ser suficiente. O amor passa a ser vontade de crescimento próprio e do outro, é escolher, respeitar, cuidar, ser sincero e responsável com o sentimento alheio e consigo mesma. Neste processo, compreende-se que abuso não é amor. Que esperar do outro o que não podemos nos dar, nunca será o suficiente. Que o amor não precisa ser êxtase momentânea para ser real, a beleza está na construção do dia a dia. A cura parte de dentro para fora.

O documentário *A cor do amor* iniciou com uma revisão bibliográfica sobre o conceito de amor como ação na busca de um amor que fosse cura, de esperança e que fosse um conceito escrito por uma mulher negra. As perguntas surgiram depois da pesquisa do referencial teórico e foram elaboradas para compreender qual a relação entre o conceito de amor abordado por bell hooks em *Tudo sobre o amor* (2021) e as vivências de mulheres negras brasileiras. Como será que as coisas estão na realidade? Estamos perto dessa prática do amor?

Assim, na construção narrativa do filme, abordaremos um pouco sobre cada tipo de amor que bell hooks disserta em seu livro.

Já o nome do filme foi escolhido propositalmente visando contrariar os estereótipos de sexualização de corpos negros, principalmente com termos

pejorativos e racistas como “*da cor do pecado*”¹. A obra *A cor do amor* nos convida a pensar na mulher negra como a que pode ser amada, valorizada, cuidada e respeitada, para muito além da cor do desejo ou pecado.

O documentário retrata, por uma hora, histórias e vivências reais contadas por mulheres negras de diferentes realidades. As vivências são as dores e delícias individuais. O sonho e a esperança de um futuro melhor também estão presentes. Por meio dos relatos, conseguimos observar como o amor se conecta em vários aspectos da vida como, por exemplo, o amor recebido pela família influencia na capacidade individual de amar e ser amada pelas entrevistadas; como o trabalho, ou ocupação profissional, está diretamente relacionado à autoestima das mulheres negras.

Aprofundaremos no conceito de *Escrevivência*, criado pela linguista, escritora e poetisa Afro-Brasileira, Conceição Evaristo (2011), ao longo de todo o memorial. Contaremos vivências de mulheres negras como potência de tocar e denunciar ausências amorosas.

Este trabalho, como já dito, foi construído coletivamente. Não se trata apenas de um trabalho de uma diretora de cinema. É uma obra idealizada por Jacqueline Batista e produzida e editada por pessoas negras que se preocupam com o tema, que sentiram a necessidade de pôr este projeto em prática mesmo sem nenhum recurso financeiro. A construção do documentário foi na base da organização e disponibilidade de pessoas negras, que se uniram e conseguiram o estúdio no Sesc da Asa Sul para a montagem do cenário, cinegrafistas para a captação das imagens, editor para construir o documentário e um músico que escreveu a letra e a melodia da trilha sonora do documentário. Foi uma forma política de colocar o termo bantu Ubuntu em prática, eu sou porque nós somos. *A cor do amor* é a materialização de Ubuntu.

As mulheres negras entrevistadas neste documentário são da faixa etária de 20 a 30 anos e residiam em Brasília durante o período de gravação. Foram gravadas ao todo 9 entrevistas durante o projeto que durou 4 meses, incluindo

¹ O termo se origina no período de colonização para sexualizar corpos negros, relacionando-o como pecaminoso, por ser o corpo para satisfazer os desejos da carne. Para o cristianismo, os desejos do corpo é relacionado ao pecado, daí a cor negra ser relacionada a este ato. O termo voltou a se popularizar na fala das pessoas nos anos 2000 devido à novela da TV Globo de Televisão “Da cor do pecado”, de João Emanuel Carneiro, no ano de 2004.

pesquisa, pré-produção, gravação e a pós-produção. Dessas entrevistas escolhemos 5 para o documentário por um excesso de material.

Neste memorial, além de falar sobre todo o processo de construção do documentário, falaremos das histórias de todas as mulheres que se voluntariaram e foram entrevistadas no projeto. Faremos a escrivência por meio do que elas relataram durante a pré-entrevista e a entrevista em si.

Descreveremos o problema de pesquisa que originou o projeto, a justificativa de sua existência, passando por minha trajetória, os objetivos que desejamos alcançar. Assim como os referenciais teóricos utilizados como base e a metodologia, na qual explicamos como foi o processo de pré-produção, como o planejamento, as gravações e pós-produção, a edição, trilha sonora e todas as escolhas realizadas para que este documentário fosse finalizado.

2. PROBLEMA DA PESQUISA

As narrativas comunicacionais, de forma geral, ainda se baseiam em construções de amor em uma perspectiva eurocêntrica. No campo do audiovisual brasileiro, novelas e filmes possuem, em sua maioria, diretores homens e elencos com pessoas brancas.

Ao buscar por referências de amor, seja na literatura ou audiovisual, ainda temos uma falta de protagonismo das mulheres negras.

Atualmente, a pauta da solidão da mulher negra, entrou nos debates das relações raciais no Brasil como grupos de WhatsApp, redes sociais, podcast. Só que esta solidão vai muito além da falta de um parceiro ou parceira romântica: é sobre a falta de amor na construção da autoestima destas mulheres.

Ainda há uma dificuldade, nas construções narrativas, de abordar sobre o projeto de desumanização das pessoas negras, reflexo da colonialidade². Neste projeto de desumanização, gerado pelo racismo, vem como consequência

² Segundo o filósofo peruano Anibal Quijano (2005), colonialidade pode ser compreendida como um fenômeno histórico e cultural com sua origem no período colonial, mas que se mantém após a experiência colonial. Mesmo com o fim do colonialismo, a colonialidade se propaga mantendo a lógica de relações coloniais entre saberes e modos de vida. No caso deste trabalho, são os saberes europeus em detrimento aos africanos. O projeto de desumanização de pessoas negras criado no período colonial é o Racismo.

preterimentos e rejeições amorosa, profissional e social. Além da ausência de referências e representações em determinados espaços e situações.

[...] Por entender que o cinema, insuperável como propagador do ideal do amor, deixa de contemplar as mulheres negras, e, como afirmo noutros momentos deste trabalho, suas raras aparições no cinema de maneira geral estão carregadas de estereótipos. Parafraseando o sociólogo Muniz Sodré, acredito que as mulheres negras estão para o cinema, assim como o espelho está para o vampiro: elas olham, mas não se reconhecem, não se veem! (SOUZA, 2013, p.44)

O amor como ação não é o que vemos nas mídias, nas novelas e redes sociais. O que comumente é apresentado é o amor como sentimento de recompensas instantâneas e que não requerem algum esforço ou quando sim, é um esforço extremo de amores inalcançáveis. É necessário repensar as imagens de amor que consumimos e que produzimos para que isso alcance e gere identificação em grupos historicamente excluídos, tendo referências de como amar e de como o amor pode ser algo construído dentro de nossas próprias realidades.

A ideia eurocêntrica³ de um amor-próprio fácil, vendido nos livros de autoajuda por artistas e influenciadores nas redes sociais, só aumenta o sentimento de incapacidade para pessoas racializadas. Há na subjetividade destas pessoas um questionamento: se é tão fácil amar, por que não sou amado? Por que não sou amada?

A confusão surge, pois, a maioria das pessoas que pensam não serem dignas de receber amor tem essa percepção porque, em algum momento de sua vida, foi socializada por forças fora de seu controle para se ver indigna de amor (hooks, 2021, p.79).

O problema de pesquisa deste trabalho reside nisto: as mulheres negras não são representadas no audiovisual como dignas de serem amadas. É necessário que as mulheres negras acreditem serem dignas de serem amadas e isso requer muitas mudanças. Fortalecer um audiovisual antirracista que promova o protagonismo das mulheres negras, excluindo os estereótipos e destacando as individualidades e vivências próprias a partir do conceito de escrevivência da Conceição Evaristo e do Amor, de bell hooks.

³ O Eurocentrismo é um termo utilizado para designar a superioridade da visão europeia em detrimento as outras visões, como forma de dominar e oprimir os povos. Esta visão foi aplicada na política, economia, cultura e nas relações sociais. Segundo Quijano, o termo também foi desenvolvido no período colonial.

Assim, visamos contribuir neste processo de mudança propondo uma representação de mulheres negras de diferentes realidades, vivências, saberes e histórias. *A cor do amor* sintetiza esta proposta como, uma das formas, de solucionar este problema.

3. JUSTIFICATIVA

O trabalho se justifica, a partir do que já foi descrito no problema de pesquisa: as narrativas comunicacionais, de forma geral, ainda se baseiam em construções de amor em uma perspectiva eurocêntrica.

Então, surge a minha necessidade de falar e ouvir sobre o amor em uma perspectiva em que seja possível para mim e para pessoas que se parecem comigo e que vêm de onde eu vim. Sou uma mulher negra e periférica e quero me sentir representada de uma forma que eu acredite que posso ser amada, que eu possa amar alguém, parecido comigo, e também me amar.

Esta obra se justifica porque sou uma estudante de comunicação, em uma universidade pública federal. E neste espaço percebi que eu não estou sozinha, que posso ocupar um ensino que foi historicamente negado para mulheres como eu, mas que cada pessoa tem um percurso diferente e todos são válidos de serem contados em um filme.

Escolhi falar para além do amor romântico porque acredito que começa muito antes disso. O amor vem daquilo que nos é ensinado quando crianças. Do que observamos dos nossos pais e familiares ali bem no começo da vida. Mas também vem das ausências desde ali. O trabalho, ou ocupação profissional, vem muitas vezes como um escape ou uma âncora para aquela autoestima que, em alguns casos, nos falta na aparência física. Que foi ferida com o racismo e buscamos dia após dia reconstruir para ser exemplo para as nossas crianças e para as futuras gerações de pretos e pretas.

Cansada dos meios de comunicação só veicularem sobre uma realidade cruel noticiada diariamente, sobre racismo, fome, violência, desemprego... Pensei em falar de amor. A partir de coisas cotidianas da vida, histórias, vivências, ausências, afeto. Trazer mulheres negras para a frente e para trás das câmeras. Eu

precisava falar de amor, porque no meio da falta de esperança, eu me agarrei no amor para sobreviver.

Todo esse processo foi emotivo, desde a elaboração das perguntas até a gravação. Embasei-me no livro de hooks *Tudo sobre o amor* (2021) para montar as perguntas e, simultaneamente, senti dificuldade em responder sobre mim mesma. Mas decidi ter coragem, contar a minha história, fazer minha própria narrativa e não apenas viver, aprender com a minha vivência.

E aquela dificuldade que senti também era necessária para que eu pensasse de forma íntima e profunda na minha própria história. Não diferiu com as entrevistadas, foram muitos momentos de silêncio durante as entrevistas. De parar para pensar e de se emocionar com a própria resposta. Não teve um dia que eu não saísse reflexiva e introspectiva das entrevistas e é isso que quero trazer no documentário. Quero trazer vivências que não são neutras, são necessárias para que essas narrativas e realidades sejam conhecidas.

A cor do amor se justifica porque é uma forma de utilizar o cinema como registro destas escrevivências para ser acessível e vistos por outras pessoas.

3.1 Minha trajetória

Eu não fui ensinada a amar e tampouco a me amar. O que via ao meu redor fazia ser ainda mais difícil achar amor. A seguir, narro a minha história que, justifica também, a criação do documentário *A cor do amor*.

Sou fruto de um namoro de adolescentes, que engravidaram e decidiram se juntar, segundo eles sem escolha, sem estruturas e sem dinheiro. Ambos eram de outros estados e vieram para Brasília para uma vida melhor e então surge um bebê. Meu pai do Exército e minha mãe faxineira, trabalharam muito para eu ter o mínimo e não me deixar passar pelas mesmas dificuldades que passaram.

Infelizmente, eles brigavam muito entre si, brigavam muito comigo e a forma de demonstrar amor era não deixar faltar o básico.

Durante a minha infância se converteram ao Cristianismo, que praticam até hoje. Então, o amor foi condicionado a ser o que eles queriam e o que é certo para eles.

Fui crescendo e minha família me ensinou a não me amar porque tinham sempre comentários sobre a minha cor de pele e aparência física. Eu queria ser modelo, mas minha família dizia que não era possível por não ter o padrão de modelo.

Percebo que não é só comigo. Vai para além de mim, porque hoje percebo que as pessoas negras da minha família não foram ensinadas a se amar e só repassaram algo que sofreram desde a infância até a fase adulta.

Não importava o quanto eu estudasse para ser a melhor ou assumir todas as funções na igreja, cantar, dançar, cuidar das crianças... Nunca era o suficiente para o amor e aprovação da família. Era muito doloroso ter que esconder o que eu pensava, queria ou gostava para ser aceita em casa.

Em outros ambientes não era diferente. Na escola eu assumia o papel da melhor amiga da menina mais bonita da sala, que era branca. Eu passava os recados de paquera, mas não era para mim, por mais que eu até me achasse mais interessante. Até que conheci o meu primeiro namorado, que também é negro. Dele veio o primeiro “neguinha” amoroso porque antes eu ficava irritada ao ouvir, pois lembrava das ofensas racistas. Só que como ele era quase um elogio. Mas durou pouco, em um mês ele terminou e a partir de então eu passei a vê-lo todo dia andando com a menina branca.

Naquele momento eu só conseguia pensar que o problema era eu: era por ser quem sou e como sou. É importante dizer que hoje ele é o meu melhor amigo, mas éramos adolescentes e não deu certo naquela época.

Isso foi seguido de eu entrar na universidade para cursar engenharia, vinda de colégio público e sem professores de matemática e física por anos. As aulas iniciavam às 8h e terminavam no fim da tarde. Eu quase sempre chegava atrasada após 2h de trajeto e engarrafamentos. Muitas vezes encontrei a porta trancada depois dos 15 minutos de tolerância a atrasos. Me sentia burra e frustrada por ter tanta dificuldade, enquanto a maioria da turma se saía bem em cálculo.

Então, eu trabalhava muito para me sentir melhor. Entrei em um estágio, participava da empresa júnior e ficava até a hora do último ônibus para ir embora para casa e fazia tudo de novo no dia seguinte. Me dedicava mais aos trabalhos que à graduação, muitas vezes assumia papéis de liderança, porque assim eu me sentia sendo boa em algo.

Romanticamente começaram os casos de: te quero só para sexo. Eu me entristeço em lembrar que eu aceitava sair com caras que falavam que eu não era delicada o suficiente para namorar ou apresentar aos pais. Eu oferecia o meu corpo em troca de alguns momentos de atenção, de me sentir desejada por alguém.

O meu segundo namorado que era um homem branco, franco brasileiro. Com ele eu me sentia muito amada e desejada. Eu fugia do caos da minha casa indo para a dele, que tinha conforto, carinho dos pais, respeito. Depois de um tempo de relacionamento, notei que ele dava em cima de mulheres parecidas comigo, até me trair com outra menina negra. Após um tempo fui procurada por outras mulheres que “denunciavam” o padrão racista que ele estabeleceu em seus relacionamentos.

Terminei com este homem e comecei a achar que um relacionamento com outro homem negro, que pudesse me entender, ao menos em partes, seria a solução, mas ainda eu era procurada só para sexo. Por alguns anos insisti em uma pessoa que eu gostava muito e acreditava que a relação ia mudar no momento que ele percebesse o quanto eu gostava dele. Eu acreditava ter que esperar ele se curar de seus antigos traumas e aceitava, aceitava mentiras, aceitava sumiços, aceitava ser chamada só na madrugada depois dele estar bêbado.

Ele se afastava sem explicações, eu começava a me relacionar com outras pessoas e ele voltava dizendo sentir minha falta, sem nem cogitar eu deixava de investir em outras relações, não me abria emocionalmente para outras pessoas na esperança de ser notada, de que ele me visse como uma pessoa para namorar. Até dar um basta que nem foi por mim mesma, era vergonha de contar para os meus amigos que eu ainda aceitava tudo aquilo.

Em uma das nossas últimas conversas ofereci para ele uma proposta, ou tentamos nos relacionar, nos comprometer sem prometer o futuro, sem sequer dar nome a relação, ou nos afastamos completamente. Ele escolheu se afastar completamente e isso me doeu e dói até hoje.

Durante tudo isso tive muitos momentos difíceis devido à depressão e ansiedade que desenvolvi ao longo da vida. Em um momento decidi parar de fazer o curso de Engenharia, que eu não gostava e não me via fazendo, para tentar entrar em Comunicação, que era algo que eu queria desde o ensino médio, mas meus pais não permitiram. Eles diziam ser curso de filho de rico e que eu não conseguiria ganhar dinheiro.

Então fiz o Enem escondido e passei para a Comunicação Organizacional. A desaprovação da família foi grande. Eu queria fazer Comunicação justamente por querer trazer as narrativas que eu não via nas mídias, não via nas empresas, nas campanhas publicitárias. Eu sentia que deveria ter gente que nem eu ali. Representação positiva para as mulheres negras e das periferias. Hoje me sinto realizada com este documentário ao trazer mulheres negras falando sobre as suas próprias vidas, sobre amor e desamores.

O amor, para mim, é a construção do dia a dia, é a escolha e o comprometimento, o cuidado e o respeito. Não acho que será bom o tempo todo, mas é a vontade de querer ser melhor e fazer melhor. Foi após entender isso, depois da busca de um amor possível, uma forma de amor que vem como cura, que consegui ter um relacionamento amoroso em que amo e sou amada. Que é construído diariamente, com uma pessoa que também está comprometida com o seu próprio crescimento pessoal, que fez a escolha de estar ao meu lado e me respeitar, sabendo que sou uma pessoa, com qualidades, mas também com falhas que me fazem humana. Um relacionamento que não sabemos se vai ser para sempre, mas enquanto durar, estamos comprometidos na prática do amor.

O meu relacionamento comigo mesma tem muitos altos e baixos, não é fácil mudar uma relação de uma vida toda. Me esforço diariamente para ser mais carinhosa comigo, para priorizar o meu bem-estar, me cuidar. A correria do dia a dia às vezes me faz esquecer e voltar velhos hábitos, mas o compromisso do amor me faz escolher não desistir e continuar dia após dia, melhorando e indo atrás do que desejo para mim. Me agarro no amor para viver bem, não só sobreviver, mas para ter esperança em dias melhores.

A escolha de um produto audiovisual vem de um sonho pessoal e uma vontade de um alcance maior do que a escrita de uma monografia. Audiovisual, no geral, sempre foi uma forma de escape para mim, sair um pouco da minha pele e estar na história de outros personagens.

Lembrei que um dos meus primeiros trabalhos na graduação em Comunicação foi um mini documentário. Escolhi o tema, fiz roteiro e produção, mas os recursos eram poucos e os problemas técnicos foram diversos pela falta de maturidade e conhecimento técnico na área.

Senti-me muito frustrada por não entregar o resultado que o tema merecia e não voltei a me arriscar durante a graduação. Estudava sobre, assistia muitos

documentários, mas não voltei a planejar minhas próprias produções. Então, voltar agora e produzir no fim da minha graduação vem como a necessidade de encerrar esse ciclo para mim mesma, e com o peso ainda maior de entregar um bom resultado.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral:

Este projeto experimental tem em vista apresentar como o amor é experienciado por mulheres negras, residentes no Distrito Federal, da faixa etária de 20 a 30 anos, por meio de um documentário.

4.2 Objetivos específicos:

- 1) Compreender como o que a autora bell hooks fala sobre o amor e negritude se relaciona com a realidade das entrevistadas
- 2) Analisar as histórias de vida através conceito de amor como prática por meio das entrevistas
- 3) Gravar entrevistas com mulheres negras

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Aspectos psicológicos de mulheres negras brasileiras

Para refletir sobre os aspectos psicológicos da falta de representatividade sobre o amor de mulheres negras no Brasil, podemos citar conceitos abordados pela psiquiatra e autora no livro Tornar-se negro (1983), Neusa Santos Souza. Ela fala sobre o mito construído para corpos negros. Este mito supõe que o negro está relacionado a uma figura representativa vista como feia, irracional, exótica, entre outras características, para atestar uma inferioridade desde grupo desde o tempo da escravização no Brasil até os dias atuais. A autora conceitua mito como:

O mito é uma fala, um discurso - verbal ou visual - uma forma de comunicação sobre qualquer objetivo: Coisa, comunicação ou pessoa. Mas o mito não é uma fala qualquer, é uma fala que objetiva escamotear o real, reproduzir o ilusório, negar a história, "transformá-la em natureza" (SOUZA, 1983, p. 25).

Este mito se torna um desafio para o negro que está fora do padrão esperado - o branco. A questão que a autora coloca é o Ideal de Ego Branco interiorizado pelo negro e reproduzido, que acaba vendo a si e seus similares com o olhar do dominador, do branco, que se opõe a racionalidade e coloca o negro como sujeito não intelectual, submisso, não digno de ser amado.

Todo indivíduo possui a necessidade de um modelo do que é ideal e perfeito, este modelo é chamado de ideal de ego. “É a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à Lei e a Ordem. É o lugar do discurso. O ideal do Ego é a estrutura mediante a qual se produz a conexão da normatividade libidinal com a cultural” (SOUZA, 1983, p. 33). Este modelo é uma exigência do superego ao ego, e a tranquilidade interna acontece na medida que o ego se aproxima do superego, mas ao se afastar, há um sentimento de culpa e de inferioridade. Há um conflito constante gerado pelas exigências do superego ao ego de um ideal inalcançável, gerando sentimentos de insatisfação e sofrimento.

No livro *Tornar-se negro* (1983) foram utilizados alguns depoimentos de pessoas negras que sentiam necessidade de serem as melhores em diferentes áreas de suas vidas, mas mesmo assim não sentiam que seria suficiente porque estavam internamente em conflito.

O indivíduo imerso na ideologia da sociedade que impõe o branco como o ideal, que só representa indivíduos brancos, acaba construindo uma pessoa negra com o ideal de ego branco. A negação de características negras, rejeição que leva ao desespero (violências contra o corpo físico como automutilação) ou em alguns casos de assumir o ideal de ego do dominador, replicando as violências. A construção do ideal de ego se inicia no ambiente familiar, depois na escola, trabalho e vida adulta. São reforçados por aparatos como os meios de comunicação, por exemplo.

A autora aponta que ser negro é ser violentado constantemente, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.

E, isto independe da classe social da pessoa negra porque o negro que ascende socialmente, também passa pelo mesmo processo.

O negro tem dificuldade de conquistar uma identidade egosintônica que o integre ao seu grupo de origem e que instrumentalize para a conquista da ascensão social. Numa sociedade de classes onde os lugares de poder e tomada de decisão são ocupados por brancos, o negro que pretende ascender lança mão de uma identidade calcada em emblemas brancos, na tentativa de ultrapassar os obstáculos advindos do fato de ter nascido negro. Essa identidade é contraditória: Ao mesmo tempo em que serve de aval para o ingresso nos lugares de prestígio e poder, o coloca em conflito com sua historicidade, dado que se vê obrigado a negar o passado e o presente: O passado, no concerne à tradição e culturas negras e o presente, no que tange à experiência da discriminação racial (SOUZA, 1983 p. 73)

Nascer negro no Brasil não é o suficiente para a organização de uma identidade negra. É necessário tomar consciência do processo ideológico de embranquecimento e criar uma identidade que tenha respeito, dignidade e amor para si e para seus semelhantes. Por isso, podemos utilizar o termo tornar-se negro (SOUZA, 1983). Tornar-se negro é romper com o modelo que foi apresentado pela sociedade brasileira, o branco, para uma identidade própria, vinda de seus próprios interesses e feições físicas, é conhecer a história negra e desenvolver uma consciência racial.

O estudo de Neusa Santos Souza foi feito por meio da escuta de histórias de vida e analisado pelo viés da psicanálise, além da obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon. Ela avança nos estudos de Fanon e propõem que os sistemas de representações e dispositivos sociais, para as pessoas negras, devem ser construídas na base do afeto, como imagens, discursos, vivências que nos ajudam a organizar saberes (valores, crenças) negras.

5.2 Representações da mulher negra do Brasil

Ao pensar nas representações de mulheres negras no Brasil, nos deparamos com uma identificação frequente como mulata, doméstica e mãe preta (GONZALES, 1984) que foram formadas por meio do racismo e sexismo no nosso país. Vivemos a naturalização do racismo pela tentativa de domesticação e a infantilização das pessoas negras por vários séculos no Brasil. A definição do lugar natural do negro em condições de insalubridade, nas periferias e favelas, em empregos braçais ou de prestações de serviço.

O mito da democracia racial, de que todos somos iguais e que não há racismo no Brasil, é frequente e maximizado no carnaval, por meio da sexualização e objetificação do corpo das mulheres negras. A admiração e desejo da mulher negra, como a estrela de escola de samba, sai do local de invisibilidade para a capa de revistas e programas de televisão, mas com a mesma estratégia de desumanizar as mulheres negras.

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas” (GONZALES, 1984, p.228)

Este papel sexualizado vem desde a mucama, mulher escravizada que servia sexualmente os homens brancos, um papel imposto pela branquitude para as mulheres negras, pois está diretamente relacionado ao físico e à necessidade fisiológica. Sentimentos como desejo, afeto ou amor não fizeram parte desta construção para as mulheres negras. A mucama também poderia ser uma doméstica, considerada a mucama permitida e o seu papel era de prestação de serviço braçal nas casas dos senhores.

Para Lélia Gonzales (1984) esta é a neurose cultural brasileira que trata as mulheres negras como objetos, ainda que elas tenham sido as responsáveis por disseminar a língua portuguesa⁴ em nosso país, além de terem amamentado e criado crianças brancas.

O termo Escrivência, de Conceição Evaristo, foi pensado através da figura da mãe preta, mulher escravizada que contava histórias para a casa grande dormir, da qual não tinha a liberdade de sua voz, de calar ou gritar. Então usaria a escrita para falar de suas vivências, para contar sobre sua ancestralidade e sua história. É a escrita como forma de poder para a mulher preta, sem perder a importância da

⁴ Lélia Gonzalez criou o conceito pretuguês para demonstrar que as mulheres negras foram responsáveis por ensinar o idioma para as crianças brancas e assim disseminar a língua em todo o território nacional. Além disso, colocaram elementos de idiomas africanos que tornaram o português brasileiro como pretuguês.

oralidade em nossa ancestralidade. O seu nome teve origem nas ideias de “escrever, viver, se ver”. (EVARISTO, 2017. p. 59)

Mais especificamente, nós, mulheres negras brasileiras, usamos a escrevivência para afirmar e celebrar nossas origens, nos conectando entre si. Como a própria autora afirma “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 54)

Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos (EVARISTO, 2020, p. 38,39)

5.3 Conceito do amor como prática de bell hooks

Pensando em estratégias para as mulheres negras vivenciar outras formas de amor e afeto, nos aprofundaremos no conceito de amor como força libertadora e como ação capaz de modificar a sociedade descrito no livro *Tudo sobre o amor* (2021), de bell hooks.

Nascemos achando que o amor já é algo inerente ao ser, ou que é desenvolvido de alguma forma, mas não é ensinado. As referências que temos de amor são em sua maioria escritas por homens brancos em uma perspectiva machista e racista, e mesmo em caso de mulheres, ainda reproduz muitas dessas violências.

Quando entendemos o amor como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa, fica claro que não podemos dizer que amamos se somos nocivos ou abusivos. Amor e abuso não podem coexistir. Abuso e negligência são, por definição, opostos a cuidado. (hooks, 2021, p.42)

Somos ensinados a considerar o amor com apenas um sentimento inexplicável, uma atração, ou apenas cuidado, mas aqui falamos do amor como um conjunto de ações. Encarar o amor por meio desta perspectiva pode ser difícil, porque em alguns casos as pessoas negras não vivenciam amor em suas famílias, de origem, ou nas relações próximas com amigos e professores, por exemplo. Abusos, comportamentos nocivos, falta de toque e de elogios não deveriam ser associadas com relações amorosas porque não são sentimentos saudáveis. Não é amor. Mas no processo de cura, entender e encarar o desamor faz parte do caminho.

bell hooks conceitua o amor como um conjunto de ações que são de “cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança” (hooks, 2021, p. 50). Pensando o amor como ações, assumimos um comprometimento e uma responsabilidade, diferente do conceito de um sentimento, que traz a ideia de que não temos escolhas. O afeto faz parte do amor, mas ao ter apenas afeto sem o respeito, não contempla a prática do amor.

Segundo hooks em seu artigo *Vivendo de amor* (2000), a escravização teve uma influência na forma como famílias pretas se relacionavam, sem espaço para desenvolver carinho e afeição porque o distanciamento era frequente e muito doloroso, o amor era mostrado por meio de recursos, de não deixar faltar o que comer ou um teto para dormir. Por esse mesmo motivo, fomos incentivados a suprimir os nossos sentimentos, não demonstrar a vulnerabilidade e não reconhecer as nossas necessidades afetivas individuais.

hooks afirma que o debate sobre o amor deve ir além dos livros de autoajuda, devem ser parte de discussões de políticas públicas. Exemplificando, podemos pensar no caso de crianças com seus direitos básicos violados em nome do amor. É aplicada uma disciplina punitiva a crianças para justificar o amor. Estas práticas só reproduzem as violências coloniais sofridas pelos corpos negros.

O amor é o que o amor faz, e é nossa responsabilidade dar amor às crianças. Quando as amamos, reconhecemos com nossas próprias ações que elas não são propriedades, que têm direitos — os quais nós respeitamos e garantimos. Sem justiça, não pode haver amor. (hooks, 2021, p.61)

Assim como não nascemos sabendo como amar o outro, não sabemos e não somos ensinados como amar a nós mesmos. Baseamos nossa autoestima no que achamos que é auto amor e muitas vezes é um amor condicional, depende da aparência, de condição ou até mesmo de um reconhecimento externo, conduzindo nossa autoestima a ser facilmente abalável. Relembrando o que falamos sobre o mito negro a partir da obra de Neusa Santos Souza, baseamos nossa autoestima no ideal de ego que nos é apresentado durante a vida, não no que realmente somos.

Segundo a autora, a autoafirmação é parte essencial para o desenvolvimento da autoestima do indivíduo, mas para mulheres se torna um desafio porque o machismo e o patriarcado as impedem de construir uma autoestima. E quando mulheres negras percebem o seu valor e se auto afirmam são consideradas raivosas e agressivas.

Cultivar amor-próprio pensando em uma perspectiva de ações requer o cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento sobre si mesmo. Para isso, a autora nos guia a "introduzir ativamente em nossa vida padrões de pensamento e comportamento construtivos e positivos" (hooks, 2021, p. 83), se questionando sobre as motivações de suas ações e escolha para que elas estejam correspondentes e coerentes com o que se acredita ser o propósito de vida.

Um dos pilares da autoestima e auto amor citados no livro é o de viver com propósito, que seria profissionalmente fazer algo que seja motivador para o indivíduo.

Entretanto, profissionalmente no Brasil, ainda é um privilégio escolher e se manter financeiramente com a profissão escolhida, ainda mais pensando na população negra, que segundo o IBGE (2021) são maioria entre desempregados. Também é importante trabalhar com pessoas que respeitem, gostem ou amem, mas se torna mais difícil, uma vez que o local de trabalho, em alguns casos, também é local de racismo, sexismo, assédio e discriminações raciais que nem sempre são

expressos por meio de injúrias, pois podem ser materializadas por piadas, apelidos, comparações inapropriadas, entre outras atitudes.

A ética do amor é apresentada como uma forma de termos o direito de sermos livres, viver bem e plenamente. Mas, para que ela de fato aconteça, são necessárias mudanças em nossa sociedade e outras dimensões da nossa vida, como em nossos relacionamentos e nosso trabalho.

Seguir a ética do amor significa agir e fazer escolhas baseadas na honestidade e em outros valores que julgamos ser importantes, ir além de apenas ter valores e buscar a ação agindo de acordo, mesmo que isso traga grandes mudanças.

Viver a ética amorosa nos transforma, mas muitas vezes, as informações só chegam a quem possui privilégios. Pessoas que já podem viver bem e plenamente, que vivem o capitalismo e que acreditam que esses recursos não são limitados. Como, por exemplo, pessoas brancas que não combatem o racismo por acreditar que não as afeta, ou outro exemplo, a população em geral quando não aprova a violência doméstica, mas não age contra o patriarcado em situações cotidianas.

Abraçar a ética amorosa como prática em nossas vidas é encarar as nossas dores sem vergonha ou medo para se conhecer cada vez mais. É aceitar o luto (causado pela pandemia da Covid-19) como o reconhecimento de quem já esteve em nossas vidas e não apenas com arrependimentos, valorizando ainda mais o momento presente, honrando-os por meio da memória e ensinamentos que ficaram. Seguir as mudanças que nos fazem ser melhores para si e para as outras. Estar atento e refletir sobre nossas escolhas e ações para seguirmos a partir de uma ética do amor que emancipa, que cuida, que gera afetos, respeito e empatia.

6. METODOLOGIA

6.1 Pré-produção

Escolhemos falar sobre uma faixa etária específica, mulheres negras brasileiras de 20 a 30 anos, porque avaliamos que as vivências amorosas variam

muito conforme a faixa etária, ou seja, a questão geracional impacta em como as mulheres pensam, avaliam e experienciam o amor.

Sabemos que é uma questão que varia individualmente também e nós, mulheres negras, somos diversas e únicas, mas supomos que mulheres nascidas nesta década estão entrando ou já inseridas no mercado de trabalho e podem estar iniciando ou já tiveram experiências afetivas sexuais.

A seleção foi feita por meio de um questionário divulgado em grupos de redes sociais buscando mulheres negras interessadas em contribuir e compartilhar suas histórias. Depois da inscrição, foi feita uma pré-entrevista para conhecer a realidade de cada uma e colher dados demográficos (Anexo 1).

Nossa maior preocupação ao colocar este projeto na prática, após montar as perguntas, e realizar a revisão bibliográfica, era a falta de conhecimento técnico e de equipe para gravar o documentário. A insegurança de não conseguir equipamentos e locação no prazo estipulado no cronograma e conciliar tudo isso com a agenda das entrevistadas foi um desafio.

A locação escolhida foi o estúdio do Sesc 504 sul, espaço cedido por meio de um projeto que apoia jovens agentes culturais da periferia, do qual faço parte e a parte da equipe de gravação também. Conseguimos uma reserva de três semanas, o que me deu tempo de agendar conforme a disponibilidade das entrevistadas. Foram dois dias para montar o cenário e realizar os testes, duas semanas para gravar as 9 entrevistas, mais exatamente 5 dias úteis entre as semanas, e uma semana para assistir às gravações que deram aproximadamente 6 horas contando todas as câmeras.

A equipe de filmagem veio também deste projeto de agentes culturais e contou com 4 pessoas voluntárias, fora eu que estava na direção. Apenas um deles tinha experiência com audiovisual, os outros eram iniciantes e aprenderam durante os testes, como configurar e usar as câmeras. Colocamos o apoio da Agência De Preto porque duas pessoas da equipe também fazem parte deste projeto.

Iniciamos o projeto sem recursos financeiros, o orçamento (anexo) foi apenas para o cenário e refeição da equipe, todos participaram voluntariamente e todos os equipamentos e locação foram cedidos. Com mais tempo eu tentaria arrecadar dinheiro por meio de rifas, sorteios ou até mesmo vaquinhas para pagar a equipe e garantir os melhores equipamentos.

O cronograma foi enxuto e objetivo porque tínhamos pouco tempo. Na pós-produção, surgiu a necessidade de realizar diferentes cortes e correções, mas tudo no cronograma estabelecido.

Tabela 1 - Cronograma

Etapa	Atividade a ser realizada	Datas de início e término das atividades					Status da atividade
		Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	
Pré produção	Questionário	09 a 16					Feito
	Roteiro da pré entrevista	09 a 16					Feito
	Convite para a equipe de trabalho	14 a 17					Feito
	Contato com interessadas e agendamento das pré entrevistas	14 a 17					Feito
	Pré entrevistas	17 a 30					Feito
	Análise das pré entrevistas e construção do roteiro	30 de maio a 12 de junho					Feito
	Alinhamento da equipe de trabalho		1 a 12				Feito
	Reservas de equipamento e estúdio		1				Feito
Produção	Entrevistas e gravação		13 a 27				Feito
Montagem	Decupagem de cenas e montagem		27 de junho a 29 de julho				Feito
Pós produção	Colorização e trilha sonora				12		Feito
	Revisão e entrega final				29		Feito

Autoria própria (2022)

6.2 Classificação de documentário

A lógica informativa escolhida para o documentário foi a diacrônica sincrônica (JOSÉ, 2013), porque segue uma ordem cronológica a medida de que falamos de como o amor familiar, a primeira concepção de amor e depois partimos para as vivências afetivas sexuais, com profundidade no tema a cada questão feita na entrevista.

Montamos as entrevistas em mosaico (JOSÉ, 2013), cada protagonista falando um pouco sobre a pergunta foi utilizada como forma de mostrar as diferentes realidades em uma mesma questão.

Classificamos o documentário como modo reflexivo, de perspectiva política (BILL, 2005) mas também como performático. Optamos propositalmente pela ausência de narrador e entrevistador nas cenas e montagem. O que nos interessa é o que é dito e gesticulado pelas entrevistas, buscamos a reflexão através de diferentes realidades de uma mesma minoria, mulheres negras.

Cabe aos espectadores a escuta atenta para compreender as histórias e a crítica exposta pela própria realidade. Idealmente estimulamos que adquiram consciência elevada sobre as ausências e vivências amorosas de mulheres negras através de novas perspectivas.

Em vez de provocar primordialmente nossa consciência da forma, os documentários politicamente reflexivos provocam nossa consciência da organização social e dos pressupostos que a sustentam. Portanto, tendem a induzir a um efeito “ah-ah!” em que compreendemos o funcionamento de um princípio ou estrutura, o que ajuda a explicar aquilo que, de outro modo, seria uma representação de experiências mais localizadas. Passamos a olhar mais atentamente. Os documentários politicamente reflexivos reconhecem a maneira como as coisas são, mas também invocam a maneira como poderiam ser. Nossa consciência mais exacerbada abre uma brecha entre conhecimento e desejo, entre o que é e o que poderia ser. Os documentários politicamente reflexivos apontam para nós, espectadores e atores sociais, e não para os filmes, como agentes que podem fechar essa brecha entre aquilo que existe e as novas formas que desejamos para isso que existe. (BILL, 2005, p.166)

A classificação performática se dá devido ao conteúdo subjetivo e carregado de afeto, falamos de amor e ausências. Na direção, visamos sensibilizar para o tema através da emoção contida nas entrevistas que foi real e íntima. As protagonistas se abriram para contar suas histórias e assim buscamos com o que o público sinta tudo que nos foi transmitido por elas.

Este filme tem cunho pessoal tanto das mulheres entrevistadas, quanto da direção e equipe de filmagem. São pessoas pretas que se importam com o tema trazendo mulheres negras para falar sobre elas mesmas, sem interferência direta de opiniões nossas, apenas um roteiro de entrevista que nos guiaram dentro de um tema tão amplo que é o amor.

O documentário performático pode agir como um corretivo para os filmes em que “nós falamos sobre eles para nós”. Em vez disso, eles proclamam “nós falamos sobre nós para vocês” ou “nós falamos sobre nós para nós”. O documentário performático compartilha uma tendência reequilibradora e corretiva com autoetnografia [...] (BILL, 2005, P.172)

6.3 Cenário

Parte da inspiração do cenário veio da capa do álbum do artista Baco Exu do Blues *QVVJFA* (Quantas vezes você já foi amado) do qual as músicas falam sobre a relação de pessoas negras com o amor e autoestima. Além de ter sido um fundo pensado para conversar com o tema, amor, o qual é comumente ilustrado com vermelho, que também costuma representar o coração e é a cor do sangue.

O fotógrafo baiano Edgar Azevedo também foi grande referência, por meio dos seus trabalhos o fundo vermelho nos chamou atenção contrastando com o verde da natureza. As suas obras trazem significados muito fortes de beleza e

ancestralidade enquanto conversam com a modernidade. O cenário foi pensado para trazer um clima aconchegante e natural onde as entrevistadas se sentissem o mais confortável possível.



Figura 1 - Capa do álbum QVVJA: Baco exu do blues Fotografia: Wilmore Oliveira (2022)



Figura 2 - Artista: Seu Jorge Fotografia: Edgar Azevedo (2022)



Figura 3 - Artista: Nara Couto Fotografia: Edgar Azevedo (2021)



Figura 4 - Cenário: A cor do amor, Autoria própria (2022)



Figura 5 - Cenário: *A cor do amor* em gravação, Autoria própria (2022)

6.4 Produção

Gravamos com três câmeras em ângulos diferentes para gerar mais dinamicidade para o documentário. A câmera principal em plano americano (PA), a segunda em primeiro plano (PP) e uma câmera de mão para detalhes.

Como todos da equipe moravam longe e trabalhavam, alguns dias não conseguimos reunir a equipe inteira, era apenas eu e outra pessoa nas três câmeras. A falta de recursos financeiros e de tempo não nos permitiu garantir a presença integral da equipe em todas as gravações.

Foram realizadas entrevistas em profundidade por meio de relatos reais, tratamos de compreender, qualitativamente, as vivências de amor dessas mulheres. A proposta não era encontrar uma resposta definitiva ou solução imediata sobre amor e afeto, ideia foi aprender, por meio de vivências e entendendo o como e o porquê.

A entrevista com profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Desta maneira, como na análise de Demo (2001, p. 10) sobre pesquisa qualitativa, os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução

pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade (DUARTE, 2020, p.63).

As entrevistas foram realizadas no formato semiaberto, seguindo um roteiro de perguntas amplas e em pequena quantidade (Anexo 2), visando aprofundar o assunto gradualmente e fazer com o que a pessoa entrevistada se sentisse confortável para falar de suas experiências sem perder o foco central.

Utilizamos a *escrevivência* como referência para método de investigação, o termo criado pela escritora Conceição Evaristo para falar sobre as escritas de história de vida, sobre vivências e acontecimentos, relatos que não são neutros, mas denunciam as problemáticas vividas por mulheres negras e as colocam no lugar de protagonistas e contadoras de suas próprias histórias de aventuras e desventuras.

Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência*. (EVARISTO, 2011, p. 9).

São histórias pessoais que se relacionam em um coletivo, que como a autora descreve em seu livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* “em muitas passagens, eu escutava não só a ela, mas também a muitas mulheres do meu clã familiar” (EVARISTO, 2011, p. 128).

6.5 Trajetória das entrevistadas

Falaremos aqui sobre todas as entrevistas e histórias das entrevistadas que fizeram parte do projeto. São 9 mulheres, algumas delas não estão no documentário, mas também ajudaram com suas disponibilidades e aberturas para a entrevista.

6.5.1 Ana



Figura 6 - Entrevista com Ana, Autoria própria (2022)

Ana tem 22 anos, nasceu e vive na Ceilândia, cidade da periferia do DF. Mora com sua mãe, irmã, avó e tia, com renda familiar mensal de até 3 salários mínimos. Se formou em publicidade, mas atualmente trabalha como vendedora. Se identifica como bissexual, seu estado civil é solteira, mas atualmente está em um relacionamento.

Voluntariou-se para a entrevista quando viu uma divulgação no Instagram. Gostou muito do tema e da proposta e se prontificou para ser entrevistada e compartilhar suas experiências.

Na vida dela, a ausência da figura de pai e mãe teve grande impacto, desde a sua capacidade de acreditar que pode ser amada, até de se amar. Sua avó foi quem demonstrou amor e afeto por meio do cuidado. Com lágrimas nos olhos e tristeza, ela falou sobre não saber se cresceu em um ambiente amoroso por não lembrar de muitos momentos da infância e disse que não é um ambiente em que se sente amada. Hoje em dia, conseguiu desenvolver uma relação melhor com sua mãe e irmã.

Ela descreve o amor como calma, acolhimento, compreensão. É um abraço amigo. É se colocar no lugar do outro. Ela está em um relacionamento onde sente que conhece a pessoa há anos, são companheiros e sente algo que nunca pensou sentir por considerar ter um histórico ruim nos relacionamentos. Se

acostumou a fugir do amor e de relacionamentos porque devido a sua infância, acreditou que o amor doía e que iria ser abandonada.

Ana não teve reciprocidade na maioria de seus relacionamentos na infância e adolescência. Ela era ofendida na escola por seus traços e acreditava que as meninas de cabelo liso eram as mais bonitas. Mas sentiu que algo mudou no ensino médio. Ela foi procurada para relacionamentos casuais e notou também que sua colega de turma, uma menina negra retinta, era isolada das relações e não era procurada nem para relações casuais, diferente do que acontecia com as meninas brancas, que eram escolhidas para relacionamentos sérios.

Quando perguntei sobre se sentir amada, ela falou sobre o relacionamento atual e disse que se sente amada por ele. Com essa fala pareceu reforçar que exclusivamente naquele relacionamento se sentia amada, não em outros, como na sua família.

Para ela o amor-próprio é desafiador, mas divino. É se amar reconhecendo seus defeitos e não ser tão dura como as pessoas já são. Quando perguntei sobre ela se amar, primeiro respondeu que tenta, e em seguida afirmou que sim. O profissional afeta muito a autoestima, pois se sente frustrada e diminuída por atuar em um emprego que não tem relação com a faculdade que escolheu, mas precisa trabalhar para ter dinheiro. Não consegue descansar porque dorme e acorda sempre pensando no trabalho e desenvolveu travas em atividades criativas que amava, como escrever.

O papel do amor para Ana é fundamental. Ela retornou nas consequências da falta de amor da infância que deveria ter recebido. E está sendo crucial para ela compreender o que é amar e ser amada.

6.5.2 Lohany



Figura 7 - Entrevista com Lohayne, Autoria própria (2022)

Lohayne tem 24 anos, nasceu em Brasília e mora com sua filha e seus pais no Cruzeiro Velho, DF. A renda familiar mensal é de 1 salário mínimo. Ela é estudante do ensino superior e artista. Se identifica como bissexual, seu estado civil é solteira, mas atualmente está em um relacionamento.

Ela surgiu na pesquisa como indicação de um amigo, porque uma das voluntárias ficou doente e não pode gravar. Topou no mesmo dia em que mandei mensagem e chegou com seu jeito carismático e espontâneo no estúdio, conversando abertamente com todos e totalmente à vontade com as câmeras.

Quando perguntei sobre seu ambiente familiar, destacou que família é toda de pessoas negras retintas, e disse serem mais rígidos. Que são amorosos, mas que não são tão afetuosos com toques físicos. Ela vem tentando romper isso com a sua filha, dando muito carinho e amor por meio do toque, de carinhos, além suprir as necessidades materiais da criança.

Amor para ela é uma atmosfera, uma proteção, uma forma de se comunicar. Também é uma ideia vendida pela mídia como algo idealizado e eterno. O amor é bom, todos podemos dar e receber, mais ou de menos, todavia o que pensamos do amor é muito utópico, disse ela. Às vezes a gente pensa que é um estado de espírito quando você está ou lembra da pessoa amada, não precisa estar ali o tempo todo.

Ela está amando alguém atualmente e tem sido bom. Falou sobre a falsa ideia de amor que é vendida que nos faz pensar que encontraremos alguém para vida ou que teremos uma família sempre amorosa. Que, na verdade, o amor se firma e conseguimos notar mais em momentos de conflito e dificuldades. Então sabe que terá conflitos com a pessoa amada, mas o carinho, a priorização e a vontade de cuidar vão se manter.

A maioria de suas experiências afetivas sexuais foram sem reciprocidade, sempre viveu o conflito de querer ter um relacionamento, “namoro, ficar sério”, e ter o desprezo da outra parte, que buscava apenas sexo ou relações casuais. Se sentiu amada em três relacionamentos que duraram cerca de um ano cada. Ela riu ao falar que considera relacionamentos duradouros.

Quando perguntei sobre amor-próprio, ela respondeu: “Difícil, porque a gente já cresce sabendo se odiar”. Disse que tentamos aprender sobre amor-próprio para sobreviver, difícil de alcançar, mas necessário para curar todas as feridas diárias e para ser feliz.

Quando perguntei se ela tinha esse amor-próprio, ela respondeu que não e me contou sobre sua experiência com um floral que comprou na farmácia que prometia o amor-próprio. Ela coloca quatro gotas debaixo da língua e se pergunta em frente ao espelho se já está se amando. Em um desses dias teve um momento de crise em que desacreditou da existência do amor-próprio e odiava toda aquela situação em que se encontrava.

Está fazendo terapia e sua terapeuta a incentiva a comemorar todas as pequenas conquistas. Mas diz que suas conquistas são muito pequenas diante da desgraça que está a vida. Além disso, o amor-próprio é uma ideia que construímos fabricando cada tijolo para depois juntar pedaço por pedaço na parede.

Lohayne é artista, cantora e compõe letras sobre suas vivências amorosas e desamorosas. Ela tem construído bases que a ajudam a financiar o sonho de viver da arte, como vários outros artistas. Com muita animação, ela contou sobre o projeto atual em que está sendo finalmente remunerada pela arte que pagou sempre para fazer. Antes, ela tinha que buscar bolsas para custear seus projetos. Agora, sendo remunerada, ela se sente feliz e realizada por ser reconhecida por sua arte. Ela sente que está no caminho certo e afirma que soube sempre o que queria. Está caminhando em direção ao seu sonho, segundo ela, em passos lentos.

Na última pergunta, sobre o papel do amor na vida dela, houve muitos silêncios e lágrimas. Por um momento ponderei interromper a entrevista, mas ela continuou a se abrir e nos emocionou com a sinceridade das suas palavras.

Para ela, o papel do amor é humanizar, porque tem outros sentimentos que a animalizam, mas não o amor. “Ele dá tato, os cinco sentidos, direciona, é base e não dá para fazer nada sem.” Disse-me ter ficado triste, porque em muitos momentos a gente não consegue receber o amor, amar outra pessoa e se amar. Disse que o amor é tudo, o início, meio e fim, o veículo, é a justificativa para viver. Não nascemos sabendo amar e ninguém nos ensina como amar, só ensinam truques de conquista e não tem uma receita. E o amor é um sentimento verdadeiro que não dá para fingir, só vem quando é verdade.

6.5.3 Ithaynara



Figura 8 - Entrevista com Ithaynara, Autoria própria (2022)

Ithaynara tem 24 anos, nasceu no estado do Piauí e atualmente mora com sua mãe e padrasto na cidade de Planaltina de Goiás, localizada no entorno do DF. Ela tem renda familiar mensal de até 6 salários mínimos. É estudante de fisioterapia e auxiliar de limpeza em um hospital de Brasília. Se identifica como heterossexual, seu estado civil é solteira, mas atualmente está em um relacionamento.

Se voluntariou por meio da divulgação feita no Instagram. No dia da entrevista ela estava nitidamente tímida, falando menos que na pré-entrevista, gesticulando muito com as mãos e em alguns momentos com a voz trêmula. Tentei conversar com ela antes da entrevista, mas talvez o ambiente com luzes, câmeras e equipe de filmagem tenha a deixado mais retraída.

A mãe dela trabalhava fora, por isso foi criada por sua avó, que demonstrava amor pelo cuidado, mas elas não tinham tanto contato físico ou afirmações verbais de amor. Mesmo assim, não deixando faltar nada e com sua preocupação e cuidado, foram suficientes para Ithayanara se sentir amada. Ela afirmou que não tinha como a avó dar o que nunca recebera.

Definiu o amor como ação, só falar não é o suficiente para alguém se sentir amado, é a presença e o cuidado que faz a diferença. Assim como sua avó, ela ama, mas não diz por palavras, o seu zelo pela relação é a sua demonstração de amor.

A maioria de suas relações foram ruins, em que não havia reciprocidade, apenas ela se doava e a outra pessoa não fazia o mesmo. Está em um relacionamento com uma conexão muito forte, sem necessidade de um apego, ou como ela definiu, um grude. Eles têm muito carinho e ela sente que pode ser amor porque é a primeira vez que ela se sente bem em um relacionamento amoroso.

“Amor-próprio é não se culpar quando o outro não te enxerga da maneira que você é.” Ela recebeu o amor quando começou a entender o que merecia, sem aceitar menos ou mudar em favor dos gostos de outras pessoas. Aprender a dizer não e cortar quando algo a magoa. É colocar limites e não aceitar tudo em nome de um sentimento ou para não perder a pessoa. Disse que o amor-próprio ensina a saber o que você quer para si e o que influencia e afeta a sua vida. “É se conhecer mais do que ninguém.”

Trabalha como auxiliar de lavanderia há cinco anos e não se sente satisfeita porque não quer continuar lá. Estuda e gosta muito da área da saúde, é um sonho com influência da necessidade de cuidado com a saúde que a família teve.

“O papel do amor é estar em todas as coisas da vida para que elas funcionem, gera felicidade.”

6.5.4 Luiza Fontenele



Figura 9 - Entrevista com Luiza, Autoria própria (2022)

Luiza tem 22 anos, é brasiliense e mora sozinha em Águas Claras. É estudante de publicidade com renda familiar mensal de mais de 7 salários mínimos. Luiza entrou no projeto a pedido de sua amiga, que contou sobre a entrevista que realizou e logo ela quis participar também. Em seguida, ela me procurou para saber se ainda havia espaço, no qual prontamente disse que sim e ela foi parte das mulheres entrevistadas neste projeto.

Ela se identifica como bissexual, seu estado civil é solteira e atualmente está em um relacionamento.

Cresceu com o pai que não era tão afetuoso, não tinha tanto contato físico, demonstrava o amor de outras formas. Uma das formas de demonstrar carinho era dando presentes. Seus pais eram amorosos entre si, mas sua mãe era mais carinhosa e afetuosa com ela. Hoje sente que a sua forma de amar se assemelha mais com a do pai, por meio de atos e outras formas que não são tão convencionais.

Luiza disse que o amor para ela é ser quem ela é, sentir que as pessoas entendem as suas demonstrações de amor, sem ter um padrão de como o amor deve ser apresentado.

Ela se considera uma pessoa apaixonada desde a infância e se descreveu como uma pisciana iludida. Quando está solteira não tem medo de partir o seu

coração, tem prazer em amar e se apaixonar. Já teve paixões passionais, platônicas e tudo isso a fez crescer e aprender com as experiências.

A maioria de suas paixões não foram correspondidas. Ela buscava um amor de filme, romântico e recebia uma relação sexualizada, em que só queriam sexo ou casualidades. Demorou um tempo até que alguém a correspondesse. Isso gerou em Luiza a descrença de que estava sendo realmente amada, que merecia aquele amor romântico que tanto desejou em uma relação.

Luiza sente que é amada quando é valorizada nas relações. Quando vê que a pessoa amada a inclui em planos e projetos de vida, como seu namorado atual que passou no mestrado em duas faculdades, uma distante e uma perto geograficamente dela. Ele escolheu estudar na faculdade onde Luiza mora e isto a surpreendeu. Ela não imaginava que seria considerada. Achou que ele ia deixá-la como outras pessoas fizeram. Isso a fez sentir amada e que conseguiria o que quisesse.

Amor-próprio para Luiza é saber se priorizar, entender o seu lugar no mundo, saber seus limites, suas paixões, quem pode ou não estar ao seu lado. É se conhecer, entender o que realmente merece e ir atrás disso. Para ela, saber amar o outro é saber se amar antes. Está construindo o seu amor-próprio pouco a pouco, estimulando diariamente e vê o quanto já conquistou, porque já passou por humilhações em sua vida romântica e profissional que hoje não aceitaria mais.

Luiza trabalha atualmente como *social media*. Não é a sua área preferida e não quer continuar trabalhando neste segmento, mas vê como um caminho para onde deseja chegar. Ama a comunicação, escrever e criar, mas se sente limitada em seus locais de trabalho. Sua voz e suas ideias não são escutadas devidamente, sempre pegam suas ideias e modificam a ponto de não representar o que ela queria passar. Por isso sente que quer fazer mais trabalhos autorais, onde pode colocar suas ideias e sua identidade em seus trabalhos.

O amor vem como uma cura para depressão e por amor a si mesma. O amor a faz ter vontade de viver. É a gratidão pelas pessoas que estão ao seu lado, família, amigos, pessoas novas que conhece a cada dia e novos projetos em que participa.

Em tudo que faço tento colocar amor, disse Luiza. Amor é a força que faz viver e faz querer amar outras pessoas. Por muito tempo ela carregou amarguras e tristezas. Agora, ela tem gratidão pelas pessoas que estiveram ao lado dela e a

ajudaram a se reerguer. Além de terem ajudado-a a acreditar em um amor verdadeiro.

6.5.5 Mariana



Figura 10 - Entrevista com Mariana, Autoria própria (2022)

Mariana tem 25 anos, nasceu em Salvador, Bahia, e passou sua vida morando em diferentes lugares. Veio para Brasília, sua quinta cidade, para estudar Ciências Sociais.

É professora de Sociologia, estudante de Antropologia, escritora e trabalha para uma empresa de auditoria. Mora com seu namorado e amiga, tem renda mensal familiar de mais de 7 salários mínimos. É aquariana, de esquerda, mulher negra, bissexual, feminista, amorosa, carinhosa, gentil, palhaça, chata e diversa. Foram estas palavras que Mariana usou para se definir. Completou dizendo que quis sempre viver no ritmo de sua própria batida. Ela se identifica como bissexual, seu estado civil é solteira e atualmente está em um relacionamento.

Ela se voluntariou para o projeto por meio da divulgação feita no Instagram. Tanto na pré-entrevista quanto na entrevista nossas conversas foram densas e com muita abertura. Ela me disse que esta é uma das características dela, que gosta de falar e ouvir outras pessoas.

O ambiente familiar de Mariana sempre foi de muito amor, carinho e afeto. Seus pais são muito presentes em sua vida e a fizeram sentir muito humana. Ela sempre teve abertura para errar, para ter falhas e pedir ajuda. Recuava em alguns momentos em busca de sua independência, de espaço e relações próprias, mas sabia que tinha o seu porto seguro a quem contar.

Foi morar sozinha muito cedo para estudar em outra cidade e mesmo com a distância nunca deixaram de estar presentes, viajavam horas quando sua filha precisava de qualquer assistência.

Atualmente sente que o papel tem se invertido, ela é o suporte emocional e físico dos seus pais. É a pessoa que cuida e não a que é cuidada. “É um momento difícil porque o lugar de filho é um lugar desafiador, mas confortável e ao se tornar responsável por sua família vem outras responsabilidades”, disse Mariana. Mas não é tão difícil porque pôde aprender com seus pais os desafios que surgem quando se ama e cuida. Neste processo, ela tem aprendido a colocar limites para traçar seu próprio caminho. Mas se sente privilegiada de ter crescido com muito amor.

Descreveu o amor como um querer bem. Não necessariamente querer como posse, mas sempre querer bem. “Vai além do amor romântico que é incondicional, e te faz tolerar abusos ou violências. É incondicional porque o amor pode mudar ao longo do tempo, pode mudar e te fazer não querer mais aquela pessoa em sua vida, mas a vontade de que aquela pessoa esteja bem permanece.”

Mariana disse que está sempre apaixonada e amando. Sempre foram experiências mistas que foram se modificando ao longo do tempo. Em um momento de sua vida significou muito sofrimento, frustrações, solidão, falta de reciprocidade e relacionamentos abusivos.

Ela disse que com o tempo foi criando uma casca grossa ou talvez filtrando melhor as relações. Em sua vida amorosa sente que teve aquilo que procurava, agora sabendo melhor o que procura e o que não aceita mais. Mas ainda assim, admite que viveu relacionamentos felizes.

No início de sua vida suas relações foram menos recíprocas e acha que isso tem muito a ver com ser uma mulher negra na nossa sociedade. Tinha um grande desejo de se sentir amada e apreciada por outras pessoas, mesmo que não faltasse amor em seu ambiente familiar e sua criação. Por isso, se submetia a relações sem reciprocidade e com apenas interesses sexuais para ter o que acreditava ser amor ou atenção.

Acreditava que sexo era uma forma de negociar afeto e foi percebendo que isso não deveria ser assim e nem era nada acordado com as pessoas com que se relacionava. Ao entender o seu lugar como mulher negra em suas relações afetivas, suas relações foram mais recíprocas. E entender isso não a fez imune aos sofrimentos de ser quem é, mas a perceber mais rapidamente as situações em que se encontrava e se seria uma relação saudável de trocas.

As relações em que mais sentiu afeto foram as suas amizades, mais do que em seus relacionamentos amorosos. Mariana sente dificuldade em se sentir amada por outras pessoas porque sentia sempre que faltava algo para conseguir afirmar “me sinto amada”. Mas mesmo assim, conseguiu se sentir amada em sua relação atual porque sente que tem tudo que compõe uma relação amorosa, com respeito, cuidado, carinho, com abertura para ser quem é, mostrar vulnerabilidade e ter um espaço de descanso. Em suas palavras, “ser cicatriz e ser humana”.

Em muitas relações, apesar de uma condição de namoro ou foto no Instagram, não sentia espaço para mostrar sua fragilidade. Mariana disse que alguns relacionamentos vão se tornando um campo de batalha, com espaço de disputas de ego, onde as pessoas não se escutam e vivem com medo de expor suas feridas e suas dores. Completou Mariana:

“Ser uma pessoa negra no mundo é ser constantemente desumanizado. Porque ou você é endeusada, colocado tipo “olha que deusa”, “olha que maravilhosa”, “olha que isso e aquilo” que também é desumanizante ou então você é animalizado. E eu sinto que tanto a minha relação atual, quanto a minha família sempre me permitiram ser pessoa.”

Existem duas pessoas em Mariana, a que se ama e se admira e outra que se cobra mais do que todas as outras pessoas. As pessoas que estão em seu convívio sempre dizem que ela precisa se olhar de uma forma mais carinhosa e mais afetuosa para si própria. Ela se conhece o suficiente para valorizar suas qualidades e saber dos seus defeitos e isso foi um processo de cuidar da sua saúde mental, se conhecer e entender qual o local que ela ocupa no mundo. Amor-próprio é uma caminhada contínua, mas que tem ido bem para Mariana.

Sua profissão principal é ser Professora de Sociologia, ocupação em que é apaixonada. Tinha o objetivo de seguir carreira acadêmica e começou a fazer licenciatura para ter uma garantia de emprego. Riu ao dizer que a licenciatura daria

alguma segurança financeira, mas se apaixonou e hoje acredita que a educação pode mudar o mundo.

Trabalha em uma escola da zona rural de Planaltina, DF, e se sente muito feliz em seu espaço de sala de aula porque pode contribuir para o mundo que deseja que exista, para além de militâncias. Mesmo às vezes desesperançosa com a nossa realidade, Mariana tenta passar esperança para os seus alunos e construir futuros possíveis com eles. Em sala de aula se sente dando o melhor de si, feliz e realizada.

Para Mariana o amor é uma prática: é labor e esforço. E se não houvesse amor em sua vida, não teria quase nada. Afirmou ser revolucionário fazer as coisas com amor em uma sociedade capitalista, que tenta matar o prazer do dia a dia. Que até em sua raiva há amor, porque existe a vontade de que aquilo difira, seja melhor. Amor é a força motriz que justifica a existência.

6.5.6 Sara Viana



Figura 11 - Entrevista com Sara, Autoria própria (2022)

Sara Viana tem 22 anos, nasceu e mora em Brasília com sua mãe e seu namorado. É publicitária, trabalha com design de produto com renda familiar mensal de mais de 7 salários mínimos. Se identifica como heterossexual, seu estado civil é solteira e atualmente está em um relacionamento.

Seu ambiente familiar é pequeno e composto pela mãe que a adotou sozinha quando era um bebê. Ela sente que foi muito amada e desejada por sua mãe que ficou dois anos na fila de espera pela adoção.

Desde sua infância até hoje, sente que sua mãe a proporciona tudo afetivamente, financeiramente e a respeita como pessoa. Recentemente se questionou sobre alguma diferença de tratamento de sua família em sua criação por ser uma filha adotada, mas sente que seus avós e primos sempre a trataram com muito carinho e cuidado, assim como com todos os parentes.

Sara dividiu o amor em dimensões: com sua mãe é cuidado e presença; em relações românticas é mais que isso, incluindo planos; já em relação às amigas é presença, intimidade e alegria.

Em sua adolescência não se sentia bonita o suficiente para ser amada ou amar alguém. Que seria suficiente para receber esse afeto e retribuir. Na faculdade, ela começou a entender a relação entre negritude e o amor e teve o seu primeiro namoro, que começou com muito receio e cautela. Tinha dificuldade para se comprometer e acreditar que aquilo era real e teria futuro pelas relações que viveu no passado e que não tinham amor. Mas hoje ri da situação, já que o relacionamento atual já tem quatro anos de duração.

Das pessoas com quem se envolveu afetivo sexualmente não sente que chegou a amar e nem foi amada, era um sentimento mais superficial, então não sente que houve falta de reciprocidade. Foi um processo longo até se sentir amada e confiar no que a pessoa dizia. Quando seu namorado a pediu em namoro, ele disse que a amava e ela não conseguiu dizer de volta. Ainda assim, começaram a namorar mesmo sem a certeza do amor de Sara, mas com disposição e disponibilidade para construir uma relação. Depois de uns meses de relação, ela conseguiu ter certeza de que amava e era amada.

Quando Sara conheceu o termo “solidão da mulher negra” e todo o seu significado, se sentiu identificada, porque se sentia desconfiada e não merecedora dos afetos que recebia, se sentiu aliviada de não estar sozinha e conseguiu compartilhar suas vivências com outras pessoas que partilhavam dos mesmos processos.

Para Sara, amor-próprio é confiança. Ela confia em si e em suas capacidades, sentimentos, gostos e respeita isso em suas ações do dia a dia. Ama

sua profissão, a universidade em que se formou e o seu trabalho. Se esforçou na faculdade e em seus estágios e se sente recompensada profissionalmente.

“Amor é inconscientemente um guia”. Sara diz que fez suas escolhas diárias guiada pelo amor.

6.5.7 Tarsila



Figura 12 - Entrevista com Tarsila, Autoria própria (2022)

Tarsila tem 21 anos, nasceu e mora em Brasília. Mora com sua mãe, irmão e avó com renda familiar mensal de 4 a 6 salários mínimos. É estudante de Ciências Sociais e trabalha em um escritório de consultoria de relações governamentais. Se identifica como bissexual e seu estado civil é solteira.

Tarsila é minha amiga e nos encontramos durante as gravações para conversar. Nesse dia, ela se abriu para mim e compartilhou muitos de seus sentimentos amorosos. Foi quase como se ela tivesse lido o meu roteiro e estivesse respondendo espontaneamente. Naquele momento decidi que mesmo com várias mulheres se inscrevendo do formulário para participar voluntariamente, eu faria o convite pessoal para que ela estivesse no meu projeto. O qual foi aceito com muita felicidade por ela.

Em sua família, sente que tem amor por seu irmão que a ajudou a superar momentos difíceis e sempre esteve presente. Ele é a razão de Tarsila conhecer o

amor. Ela disse ter dificuldades em pôr em palavras, mas falou aberta e orgulhosamente durante a entrevista “eu amo meu irmão”.

A relação com sua mãe tem sido delicada e pensando no contexto atual, ela só sente amor pelo irmão, mas nem sempre foi assim. Seus pais eram casados e se davam muito bem entre eles e com os filhos. Seu pai foi presente na infância e adolescência. Mas devido a alguns acontecimentos, sua família foi se afastando e hoje ela não tem mais contato com o pai.

Tarsila disse que, olhando para o passado, era para ter dado tudo certo em seu ambiente familiar porque seus pais planejaram ter filhos e tiveram condições financeiras e psicológicas para cuidar. Mas que no seu ponto de vista, não deu certo.

Ela acredita que seria precipitado definir o amor. Que a sua missão de vida tem sido descobrir o seu real significado. Talvez saiba um pouco por o que sente em relação ao irmão, “mas amor em tudo que ele pode ser, é muita coisa” disse ela. Definindo o amor de irmão, que o que se sentiu com propriedade para falar, disse que varia de cada pessoa. Mas que ela é uma pessoa que já se deu muito mal, já sentiu que se odiava e chegou a dividir o quarto com fitas para colocar barreiras de espaço. “É o conforto de saber com quem contar, dentro das limitações pessoais de cada um, mas é uma paz de espírito de saber que não está só no mundo, que independente de qualquer coisa tem alguém te esperando.”

Em sua vida amorosa há um buraco. Tarsila nunca se sentiu amada de uma forma afetiva sexual e é algo doloroso para ela dizer. Ela é uma pessoa muito apaixonada, mas crescendo percebeu que pode ser muito apaixonada e não ter amado ninguém. Quando está se relacionando ela sempre acha que está amando devido a um imaginário criado por conto de fadas, mas nenhum desses relacionamentos teve amor. Para ela, amar e ser amada tem romanticamente sido uma busca, não a única da vida, mas uma delas.

Tarsila não teve muitas relações, mas sente que não pode chegar a dizer que em alguma delas teve reciprocidade, sempre foi muito mais de uma das partes. Revisitando quem ela era, entende que teve expectativas ou intenções diferentes das pessoas e que não se relacionaria hoje sabendo de intenções divergentes.

Ela nunca chegou a ter uma relação tóxica, mas todos os términos foram dolorosos e duraram um longo período de sofrimento. Em sua vida, Tarsila não chegou a sentir que alguém sentiu paixão por ela, nem sequer algo físico, tampouco

amor romântico. Ela achava que amava pessoas secretamente em sua infância, mas acredita ser improvável que alguém já tenha se sentido assim por ela.

Afirmou que o amor-próprio é uma jornada com muitos altos e baixos, é um processo eterno, porque dependendo do seu recorte social as pessoas tendem a se desgostar pela influência de pessoas externas.

Ela fez terapia por 7 anos e por muito tempo tentou entender a razão de se desgostar tanto. Muitas vezes percebeu que os motivos vieram de situações muito específicas que a traumatizaram. A construção da autoestima para além do estético é você gostar muito de você mesma, e ela é um degrau do amor-próprio. Mas Tarsila não acredita que alguém consegue subir totalmente nessa escada por ser algo a ser trabalhado até o fim da vida, mas que as pessoas constroem através do autoconhecimento, autoestima, autopercepção, ou seja, cada um constrói de uma forma individual e pessoal.

Para ela, às vezes amor-próprio parece algo irreal. Não num tom pessimista, mas de não conhecer e não saber definir. Ainda não sente que tem esse amor, mas constrói a sua autoestima e pode dizer que já se conhece, que desenvolveu o seu autoconhecimento durante a sua vida.

Algumas ações como palavras afirmativas na frente do espelho não tem funcionado para ela porque sente que não é aprendido de dentro para fora. E quando se depara em uma situação de prova da sua autoestima, essas ações não tiveram efeito, mas tem construído gradualmente em busca do seu amor-próprio.

Tarsila falou sobre ser uma mulher trans no mercado de trabalho. Ela está em um espaço corporativo, formal, o qual é predominado por pessoas cisgêneras e é algo que a emociona, porque é um lugar que estatisticamente não era para ela estar. Ela afirmou que faz parte dos 10% das mulheres trans que não estão na prostituição e que pode estar abaixo dos 0,0001% das mulheres trans e negras em um espaço corporativo.

As histórias de mulheres trans vem prontas, sempre no mesmo padrão e era o que ela temia ao iniciar a transição. Hoje ela se sente realizada para além da representatividade, mas como profissional.

Ela sente que o papel do amor é uma resposta universal e não tão pessoal. É ser uma válvula de escape, só que melhor ainda, um ponto de luz que brilhará sempre, a luz do fim do túnel, que faz a gente conseguir perceber o lado bom das coisas. Porque alguns fatores fazem a gente perceber as coisas de uma forma

negativa, ou sermos muito duras conosco mesmas e não valorizar tanto as coisas boas por falta de amor.

O papel do amor é mostrar que a vida não é tão ruim assim, que sempre vão ter coisas, lugares e pessoas que valem a pena e que a felicidade do amor é maior que qualquer alegria temporária.

6.5.8 Vitória



Figura 13 - Entrevista com Victória, Autoria própria (2022)

Vitória tem 27 anos, nasceu e mora entre Brasília com o pai e em Valparaíso de Goiás com a mãe e o irmão. Tem renda familiar mensal de 2 a 3 salários mínimos. É recém formada em Direito. É canceriana com ascendente em Libra e se considera uma pessoa afetiva e sensível em alguns momentos. Ela se identifica como heterossexual, seu estado civil é solteira e atualmente está em um relacionamento.

Descreveu a forma de amor do seu ambiente familiar como peculiar, pois quando era criança tinha dificuldade de entender esse amor e não se sentia amada, mas crescendo entendeu que existem diferentes formas de amar.

As pessoas de sua família não eram de palavras afirmativas, sua mãe só expressou o orgulho por ela há poucos anos. Mas refletindo sobre o passado, Vitória sente que teve muito amor de sua mãe e do seu irmão, disse que a mãe deu o amor da forma como ela sabia e aprendeu a amar e ela a admira muito por isso.

Ela acredita que o amor é algo difícil de se colocar em palavras porque existem várias formas, mas tentando exprimir em uma palavra, seria aconchego. Onde ela se sente aconchegada, aceita e consegue ser ela mesma.

Sente que tem vários dilemas e conflitos em sua relação atual por serem duas pessoas negras e heterossexuais, que vem da forma como os dois receberam amor, inseguranças e questões sensíveis de cada um. Hoje ela se sente amada em sua relação porque sente que há liberdade para conhecer os defeitos, nuances e ter muita admiração e vontade de estar junto. O que ela sente é real e sincero, diferente do que é criado pelo imaginário de fantasias que aprendemos quando crianças.

Com lágrimas nos olhos, nos disse que desde criança não se sentia confortável em ser quem era e também não acreditava que alguém pudesse gostar dela como ela era. Então, a maioria de suas relações não eram recíprocas. Crescendo ela entendeu ser, em parte, falta de comunicação e maturidade, mas também era parte do racismo.

Ela não gostava do cabelo que tinha, chorava muito e alisava. Então, acreditava que ninguém também gostaria de uma mulher com sua aparência. Tinha vergonha de falar sobre isso, mas agora que se sente mais madura, não se importa em compartilhar.

Vitória teve dois relacionamentos durante a vida e sente que só pode afirmar que teve reciprocidade no atual, no geral considera que suas relações não foram tão tranquilas.

Gosta muito de ser ouvida, acolhida e abraçada, mas nem sempre encontra isso em uma relação, muitas vezes encontra mais em suas amizades. Por isso às vezes não se sente tão amada, o que não quer dizer que não saiba que é amada. Como ela deseja sentir amor pode diferir da forma como outro demonstra o amor e às vezes é necessário estar aberto para entender essa diferença, que nem sempre será como o amor que desejamos receber.

Na terapia percebeu que foi pouco ouvida em sua infância. Sua mãe, por vezes, era autoritária, e ela entende os motivos da mãe, que também é uma mulher negra, mas busca isso no amor romântico e sente que é ouvida em sua relação atual.

Para ela o amor-próprio é uma montanha-russa onde o ideal é ter uma estabilidade, que ela almeja encontrar, e ser capaz de se sentir confortável na sua própria pele.

Hoje se sente e se vê de uma forma muito melhor, mas a sua autoestima vem mais do seu intelectual do que da sua aparência física. Ela se sente mais confiante no mercado de trabalho e no meio acadêmico. Sempre se sentiu muito magra, muito alta, que tinha os ombros largos e queria ser o padrão que os meninos gostavam. Hoje tem uma relação afetiva muito grande com seu cabelo natural e tira momentos para cuidar dele e se sentir bem. A transição capilar foi um momento difícil, mas foi em seu cabelo que começou o seu processo de auto aceitação.

Vitória se sente confortável no mercado de trabalho, mas não se identifica com as pessoas de sua área, pois existe muita concorrência e padrões. Quando ela mudou do seu curso antigo para Direito e foi realizar a matrícula, uma aluna do curso de Direito a olhou dos pés à cabeça e disse que ela não parecia uma estudante de Direito. Ela já começou a sua graduação sentindo como seriam os próximos anos.

Sentia uma pressão por ser uma mulher negra naquele espaço, como se tivesse que se esforçar ainda mais que seus outros colegas para que as pessoas conhecessem o seu trabalho. Por isso, fez vários projetos de extensão, mas sente que isso não fez tanta diferença porque no seu ambiente de trabalho continuou passando por discriminações raciais.

Ela gosta da área de Direito e considera ser uma área de estudo muito útil na prática para pessoas negras. Ela pensa em ocupar espaços públicos como defensora pública. Quer proporcionar coisas boas para si e sua família com o seu trabalho.

O papel do amor na vida de Vitória é uma eterna busca. Se sente movida por ser amada e por amar as pessoas, representando a sua fé. Ela gosta de saber mais sobre as pessoas, quais as motivações e sonhos. Acredita que o nosso propósito é amar e, além disso, ser legal com as outras pessoas e tentar fazer o melhor para o outro.

O sentido da vida é muito mais se conhecer e experienciar coisas novas.

6.5.9 Rayssa



Figura 14 - Entrevista com Rayssa, Autoria própria (2022)

Rayssa tem 23 anos e nasceu em Brasília. Mora com sua mãe na Candangolândia e tem renda de 4 a 6 salários mínimos. É estudante de Jornalismo e está quase se formando. Ela parecia calma e tensa simultaneamente, na pré-entrevista se abriu falando mais de si e no dia da gravação dava respostas bem diretas, sendo uma das entrevistas mais curtas que tivemos neste projeto. Ela se identifica como heterossexual, seu estado civil é solteira e atualmente está em um relacionamento.

Nos contou que seu ambiente familiar é extremamente amoroso. Foi criada apenas por sua mãe, que foi educada apenas por sua avó, a qual teve 6 filhos, sozinha. Em sua família, ela cresceu em uma comunidade em que todos foram cuidados por todos e todos são filhos de todos e nunca houve uma falta. Ela sente que teve sempre suas necessidades supridas em seu ambiente familiar.

Definiu o amor como um conceito abstrato. Que ficamos tentando definir por meio da música, arte, literatura e acha que ainda não entendemos o que realmente significa. Uns colocam na religião, outros apenas no amor romântico, mas acredita que tem muito amor e muitas coisas a serem descobertas para definir o amor.

Está redescobrimo o amor no momento, quando perguntei sobre reciprocidade em suas relações ela me disse “É complicado pra gente, né? Sempre é diferente”. Ela está em um relacionamento com uma pessoa que disse ser

improvável, que ela nunca havia sido tratada daquela forma, de se sentir respeitada e até bonita. Neste relacionamento, ela sente que está sendo olhada de verdade e se sente amada.

O amor-próprio é uma questão muito trabalhada internamente por Rayssa, ela gosta de escrever e escreve sempre endereçada a si mesma começando com um “querida eu” na tentativa de se amar mais e de entender que às vezes o amor que ela queria de outras pessoas tem que ser cultivado dentro dela mesma. Que ela precisa se respeitar e se amar. Ela tem construído seu amor-próprio diariamente.

Rayssa é extremamente apaixonada pelo Jornalismo. Ela não sabia bem o que fazer e todos falavam que ela tinha vocação para jornalista por falar demais e ama cada segundo que atua em sua profissão.

O papel do amor para ela é “todo”. Disse que sem amor não tem como fazer nada. O que é fundamental para tudo porque todo ato precisa ser realizado com amor.

6.6 Pós-produção

A edição foi feita pelo Raíto Santana, editor do filme, mas todas as etapas da edição foram construídas em conjunto comigo. No início tentamos fazer tudo juntos, mas estava dificultando a questão de horários incompatíveis e tempo de locomoção. Então resolvi estruturar tudo, passar para ele e depois mandar as correções necessárias, trabalhando com os devidos prazos.

Ao iniciar a decupagem notamos que a câmera 2 estava desfocada na maioria das entrevistas. O cenário era escuro e houve muita rotatividade na equipe por nem todos poderem gravar todos os dias, o que aumentou os erros.

Durante as filmagens, fiquei focada na direção e nas entrevistas. Verifiquei o enquadramento, mas não conferi as configurações das câmeras durante as entrevistas, só no momento de chegada no set, e isto ao final trouxe um prejuízo na captação da câmera 2.

Após organizar as entrevistas na ordem, com os devidos cortes, entregamos o primeiro corte. Por meio dele, conseguimos ter uma visão geral do conteúdo. Assisti algumas vezes fazendo várias anotações sobre as trocas de câmera, cortes

de uma cena para outra e momentos repetitivos. Depois elaborei uma planilha com a minutagem com as correções necessárias.

Ao longo da edição, decidimos não usar a câmera 2, que estava muito destoante pela falta de foco e fizemos um corte da câmera 1 com o mesmo enquadramento de *close* para dar mais movimento às nossas cenas.

A câmera 3, de detalhes, também nos deu muito trabalho, por ser uma câmera de fita (Sony PDW-F800), ficou travando na hora de editar e na imagem final quando a entrevistada realizava muitos movimentos. No fim aplicamos em 3 momentos apenas, então optamos por tirar para não gerar contraste com as outras cenas.

6.7 Roteiro

O roteiro inicial foi elaborado por meio das perguntas da pesquisa. A construção do roteiro final foi por meio da transcrição de cada uma das entrevistas. Depois selecionamos por meio do texto a ordem de cada pergunta e resposta.

No total foram 9 entrevistas e 5 selecionadas para o documentário. O critério utilizado foi o de aprofundamento nas respostas e tempo da gravação. Escolhemos as quais tiveram duração mais aproximada. Das 5 selecionadas, fizemos uma organização geral por momento, como apresentado na tabela abaixo, e depois organizamos por afinidade das respostas.

Utilizamos cortes para tirar as partes redundantes entre elas, apenas deixando quando o objetivo era evidenciar algo em comum.

Tabela 2 - Estruturação do filme

Introduzindo o tema do filme	Como você definiria o amor?
Apresentando um pouco mais das personagens	Você sente que seu ambiente familiar era/é amoroso? Como é?
	Como você se sente em relação a sua ocupação profissional?
Se aprofundando nas vivências amorosas	Você acredita que já amou ou ama alguma pessoa de forma afetiva/sexual?

	Em suas relações afetivas sexuais você teve mais experiências com reciprocidade ou sem?
	Você já se sentiu ou se sente amada numa perspectiva afetivo/sexual?
	Como você definiria o amor-próprio? Você afirmaria que tem este amor-próprio? Por quê?
Encerrando com a importância do tema	Qual o papel do amor na sua vida?

Autoria própria (2022)

Os silêncios em alguns momentos do filme, e nas perguntas, foram usados como um instrumento para reflexão. Como uma pausa para o pensamento e como um respiro para a quantidade de conteúdo que se apresenta no documentário.

Senti-me muito apegada a cada uma das personagens. Quisemos mostrar o máximo de detalhes sobre cada uma, ao mesmo tempo tentamos não deixar repetitivo ou cansativo de se assistir.

A decupagem foi realizada após o roteiro final, minutando cada uma das cenas. Tudo isso por meio de planilhas para facilitar na edição. Depois do primeiro corte fomos usando planilhas de correção de erros.

Tabela 3 - Parte da planilha de decupagem: Roteiro final

Tema	Sequência	Resumo da cena	Nome do arquivo	Time code		Tempo do vídeo
Definindo o amor	Lohayne	Amor para ela é uma atmosfera, uma proteção, uma forma de se comunicar e é uma ideia vendida pela mídia como algo idealizado e eterno [...]	(1) Loh 3	00:09	01:47	00:01:47
	Mariana	Descreveu o amor como um querer bem, não necessariamente querer na sua vida ou querer perto, mas sempre querer bem [...]	(2) Mariana 3	00:05	01:02	00:01:02
	Tarsila	Ela acredita que seria precipitado definir o amor, que a sua missão de vida tem sido descobrir o seu real significado. [...]	(3) Tarsila 3	00:09	04:04	00:04:04
Ambiente familiar	Ana	Na vida dela, a ausência da figura de pai e mãe teve grande impacto, desde a sua capacidade de acreditar que pode ser amada, até de se amar. [...]	(1) Ana Beatriz 2	00:00	02:23	00:02:33
	Vitória	Descreveu a forma de amor do seu ambiente familiar como peculiar, quando era criança tinha dificuldade de entender esse amor e não se sentia amada, mas crescendo entendeu que existem diferentes formas de amar. [...]	(2) Vitória 2	00:00	01:09	00:01:09
	Lohayne	Destacou que família é toda de pessoas negras retintas, e disse que são mais rígidos, que são amorosos, mas que não são tão afetuosos com toques físicos [...]	(3) Loh 2	00:11	00:55	00:00:57
	Tarsila	Em sua família, sente que tem amor por seu irmão que a ajudou a superar momentos difíceis e sempre esteve presente. Ele é a razão de Tarsila conhecer o amor. [...]	(4) Tarsila 2	00:05	02:04	00:03:37
				02:55	03:37	
Mariana	O ambiente familiar de Mariana sempre foi de muito amor, carinho e afeto. Seus pais são muito presentes em sua vida e a fizeram sentir muito humana, ela sempre teve abertura para errar, para ter falhas e pedir ajuda. [...]	(5) Mariana 2	00:00	02:41	00:02:41	

Autoria própria (2022)

Tabela 4 - Parte da planilha de correções

Cena	Ação	Time code		
Loh falando do amor - Ser mais direto nesse início	Corta	00:57	01:40	✓
Tarsila falando de amor - Direcionar mais para a descrição do amor do que a vivência em si	Corta	03:37:00	05:04	✓
Tarsila: Tentar aumentar o silêncio porque os olhos dela enchem de lágrimas (câmera detalhes)	Aumentar	06:30		✓
Pergunta 1				
Tirar a minha voz	Corta	06:31	06:38	✓
Ela fala dos bloqueios, mas ficou meio confusa a fala e repete o "hoje em dia"	Corta	08:11	08:40	✓
Tirar a minha voz - Deixar o silêncio dela após o suspiro	Tirar som	08:57		✓
Tirar o "mas eu vejo a assim" e talvez terminar em detalhe pra dar uns seg de silêncio	Corta	10:50	10:53	✓
Pergunta 2				
Tirar minha voz	Corta	16:15	16:19	✓
A 2ª mexe, mas como vamos tirar, acho que tá suave	Atenção	22:48		✓
Dar mais uns 2 seg antes da Loh para digerir (Câmera detalhes)	Aumentar	24:09:00		✓
Loh - Tentar colocar detalhes para não pegar ela devolvendo o copo	Atenção	25:04:00		☐
Mariana - Dar uns segundos antes da mudança de assunto, o corte ficou muito rápido (Coisa de 2seg)	Aumentar	27:57:00		✓

Autoria própria (2022)

6.8 Trilha sonora

A trilha sonora do filme é autoral e foi feita pelo Josh. Ele é um artista brasileiro, cantor e compositor e topou participar quando soube da proposta de tema.



Figura 15 - Josh, foto cedida por Josh (2022)

Fizemos algumas reuniões trocando referências para trilha de melodias e letras, criei uma *playlist* e passei a referência teórica para ele, após as entrevistas e ele também foi acompanhando os cortes feitos na edição do documentário.

Na *playlist* coloquei algumas músicas que me tocaram durante o meu percurso de busca do amor, são músicas de gêneros e artistas diferentes, mas todas falando de amor. Foram músicas que me ajudaram muito na inspiração para o documentário e para a escrita do memorial.

Tivemos pouco tempo para a criação da trilha, mas ele conseguiu entregar a letra e melodia que se encaixou muito bem no nosso tema.

No fim sentimos falta de uma voz feminina, mas não tivemos tempo de regravar com alguma artista do DF.

Letra

Deixa eu tentar te explicar
Na vida a gente erra para acertar
Você não é mais o meu sol
O seu amor cortou mais que cerol
Eu não entendo
Não me surpreendo
Nada mais me abala
Chamei de meus
Problemas, dilemas que alguém escreveu
Eles fizeram a construção, sou experiência
Eu disse zero condições para a sua influência
Meu coração tá sempre aberto para quem tem frequência
Mas eu tô bem comigo mesmo, não existe urgência
Mas eu to bem comigo mesmo, convivi com essa ausência
Pode me ignorar, eu nunca vou perder a minha essência
E doeu...
(Josh, 2022)

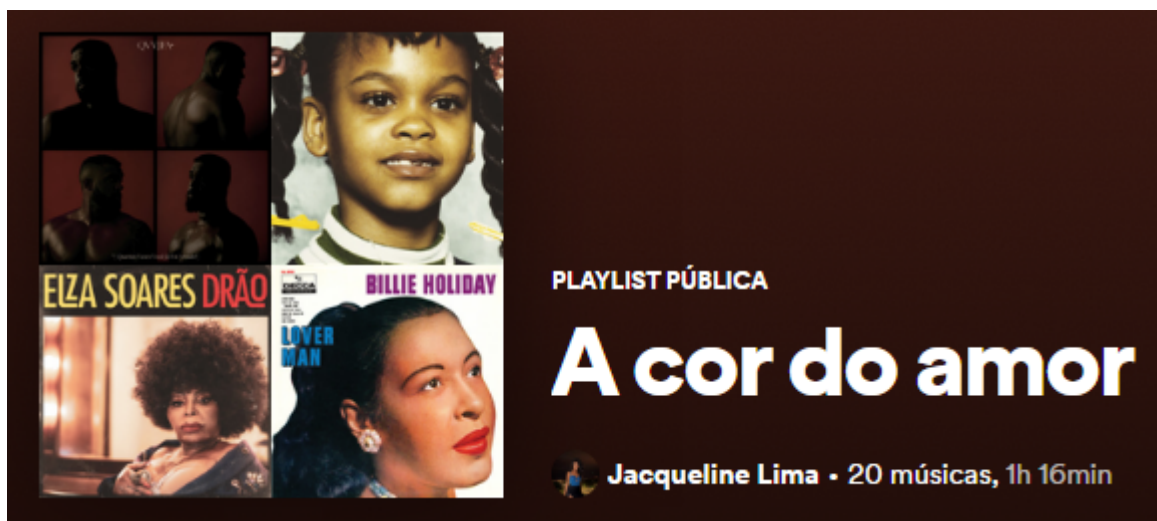


Figura 16 - Playlist "A cor do amor", captura de tela Spotify (2022)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de cada etapa deste projeto foi de aprendizado constante. Foi de me conhecer e me desafiar. Foi emoção constante, muitos sentimentos que eu não imaginava que sentiria. A disposição e abertura dessas mulheres para compartilhar suas vidas me tocou profundamente.

Durante a pesquisa e em cada entrevista, com cada história e vivência, aprendi sobre amor, afeto, resistência e esperança. “Compreendo que o conhecimento e a ciência não surgem apenas de observações ou experimentações; ambos são fruto de vivências, de acúmulos de histórias e experiências de vida.” (SOUZA, 2013, p.169)

Tive muitos aprendizados técnicos, de iluminação, montagem de cenário, filmagens no geral, produção, roteiro, edição e planejamento. Aprendi também que tenho muitas pessoas com quem posso contar. Que não precisava do medo extremo que senti de fazer tudo sozinha, que existem pessoas que acreditam no meu trabalho e que deram tudo de si para me ajudar. Aprendi que preciso confiar mais em mim mesma e que tomar decisões foi um dos processos mais importantes desse projeto.

Por meio das entrevistas, vimos que mulheres negras estão cada vez mais tendo acesso e a oportunidade de cuidar da sua saúde mental. A maioria das entrevistadas fez ou faz terapia. Isso mostra que estamos conseguindo priorizar os nossos sentimentos e buscando nos conhecer cada vez mais. Que a falta de reciprocidade, vem em parte do racismo de colocar a mulher negra no lugar de objeto, mas também da dificuldade de nós mesmas de acreditar que podemos ser amadas, da falta de nos amar primeiro.

Que o amor-próprio é uma jornada até o fim da vida com muitos altos e baixos, mas que lutamos diariamente para alcançar a tão desejada estabilidade.

Uma urgência que leio deste trabalho na totalidade é que precisamos ser humanizadas. Por nós mesmas e por toda sociedade, que tenhamos o direito de errar, de acertar, de ser frágil e forte quando bem entender, sem ter que atender a expectativas alheias que vem de um estereótipo. Ter a liberdade de ser única, sem comparações. E não podemos ignorar que o amor para mulheres cisgêneras difere da realidade de mulheres trans: as quais são ainda mais privadas de amor em suas vidas.

O filme será transmitido em exibições programadas, enviado para mostras de cinemas e festivais. Também ficará disponível no YouTube para que o público consiga assistir através do link <https://www.youtube.com/watch?v=Bh2Wc0gH8is>.

Sinto este momento como um início e não como um final. Abrem-se aqui diversas possibilidades para mim e espero que para outras como eu. Foi por meio deste trabalho que consegui notar onde os meus olhos brilham.

A responsabilidade de registrar histórias por meio de um documentário foi prazerosa e me fez querer ainda mais. Me faz querer ser melhor que eu mesma hoje.

Continuar esse e outros trabalhos, vivendo e ouvindo sobre o amor.

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura (hooks, 2000, p. 12)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento Mulher, Estudos Avançados, Vol: 17. 2003

CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero" in Racismos Contemporâneos, org: Ashsoka /Takano Ed, Cidadania, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf. Acesso em: 01/06/2022

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / Ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. – Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020

EVARISTO, Conceição. Insubmissas Lágrimas de Mulheres. Belo Horizonte: Nandyala, 2011

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 1.ed: Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod_resource/content/0/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 25/05/2022.

hooks, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK et al. O livro da saúde das mulheres negras. Rio de Janeiro: Pallas, 2006. Nome do site, ano. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 16/05/2022 .

hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a.

JOSÉ, Carmen Lucia. Vozes da Voz do Documentário, 2013. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0246-1.pdf>
Acesso em: 25/10/2022

LEÃO, Ryane. Tudo que nela brilha e queima. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. São Paulo: Papyrus, 2005

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina, 2005. Disponível em:

http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf

Acessado em: 15/07/2022

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Graal, 1983

SOUZA, Edileuza Penha. Cinema na panela de barro : mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Programa de Pós Graduação em Educação, 2013.

Anexo 1 - Pré entrevista

Nome

Data de nascimento

Onde você nasceu?

Onde você mora atualmente?

Com quem você mora?

Qual sua renda familiar mensal:

1) Até 1 salários mínimos

2) De 2 a 3 salários mínimos

2) De 4 a 6 salários mínimos

3) Mais de 7 salários mínimos

Qual é o seu nível escolar?

Qual sua profissão?

Qual seu estado civil?

Qual sua orientação sexual?

Você pode fazer uma breve descrição de si mesma?

Como se sente sobre compartilhar vivências amorosas?

Disponibilidade para a entrevista







Anexo 2 - Entrevista

Roteiro de perguntas - *A cor do amor*


Intro: Você pode se apresentar novamente? Faça uma breve apresentação sobre você.

1. Você sente que seu ambiente familiar era/é amoroso? Como é?
2. Como você definiria o amor?
3. Você acredita que já amou ou ama alguma pessoa de forma afetiva/sexual?
4. Em suas relações afetivas sexuais você teve mais experiências com reciprocidade ou sem?
5. Pensando no que você descreveu sobre amor, você já se sentiu ou se sente amada numa perspectiva afetivo/sexual? Pode me contar sobre uma experiência que você se lembre?
6. Como você definiria o amor próprio? Você afirmaria que tem este amor próprio? Por que?
7. Como você se sente em relação a sua ocupação profissional?
8. Qual o papel do amor na sua vida?

Anexo 3 - Questionário

Trabalho de conclusão de curso: Documentário - Representação do amor   Todas as alterações foram salvas no Google Drive     Enviar

Perguntas Respostas **10** Configurações



Trabalho de conclusão de curso: Documentário - Representação do amor por mulheres negras brasileiras

Olá! Me chamo Jacqueline, sou estudante do curso de comunicação organizacional da Universidade de Brasília e estou desenvolvendo um produto audiovisual documental como trabalho de conclusão de curso.

Convido mulheres negras que possuem de 20 a 30 anos de idade a participar de uma entrevista e compartilhar suas vivências amorosas.

O projeto será dividido em duas etapas:
 Pré-entrevista: Uma conversa para conhecer melhor a sua realidade, poderá ser realizada remotamente (por vídeo chamada) ou presencialmente.
 Entrevista: Serão feitas algumas perguntas mais direcionadas de acordo com a pré-entrevista. Será presencial e gravada, temos a intenção de gravar em junho, então é necessário residir ou estar em Brasília neste período.

Temos o objetivo de entender como são as vivências amorosas de mulheres negras desta faixa etária e relacionar com o nosso referencial teórico sobre amor, realizando uma entrevista em profundidade que será gravada e transformada em um produto audiovisual documental.

Se você se interessou, preencha as informações abaixo e entraremos em contato em breve!

Se você não faz parte do público alvo da pesquisa, mas conhece alguém que sim, você pode ajudar encaminhando este questionário.

Agradeço desde já a sua colaboração!

Você se identifica como mulher negra? *


Sim

Não

Como você deseja ser chamada? *

Texto de resposta curta

Qual sua data de nascimento? *

Mês, dia, ano 

Qual o seu e-mail? *

Texto de resposta curta

Qual seu telefone? (Preferência por whatsapp, não te colocaremos em grupos sem a sua autorização) *

Texto de resposta curta

Você estará em Brasília no mês de junho? *

Sim

Não

Nossa entrevista será presencial e gravada. Você nos concede seu direito de imagem para uso não comercial? *

Declaro que minhas imagens podem ser utilizadas para fins acadêmicos sem fins lucrativos.

Anexo 4 - Orçamento

Descrição	Quantidade	Valor
Fundo vermelho	1	R\$78,00
Alimentação	5	R\$30,00
Equipamentos	8	R\$0
Locação	1	R\$0
Equipe	5	R\$0
Total		R\$ 228,00

Anexo 6 - Making off

Dia de teste, antes da montagem final



Análise das imagens de teste para montagem final do cenário



Anexo 7 - Ficha Técnica

Agência De Preto	Apoio
Sesc 504	Apoio
Jacqueline Batista	Direção/Produção
Raíto Santana	Edição/Imagens
Jefferson Barreto Teixeira Júnior	Imagens
Gabriel Pinheiro	Imagens
Luiza Martins	Imagens
Sara Benedita	Imagens
Josh	Trilha sonora original
Ana Beatriz	Entrevistada
Lohayne Kayná	Entrevistada
Mariana	Entrevistada
Tarsila	Entrevistada
Victória	Entrevistada